

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRENDA MÜHL

A SAÚDE INFANTIL NA REVISTA HYGIA
(Rio Grande do Sul, 1931)

São Leopoldo
2024

BRENDA MÜHL

A SAÚDE INFANTIL NA REVISTA HYGIA
(Rio Grande do Sul, 1931)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
História pelo Curso de História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(UNISINOS).

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Ana Paula Korndörfer

São Leopoldo

2024

Dedico este trabalho à minha família, que nunca mediu esforços para me incentivar durante a graduação, e aos meus professores, que compartilharam seu conhecimento e nos incentivaram a sermos melhores a cada etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por sempre me incentivar nos momentos difíceis. Às minhas tias, que, assim como eu, escolheram a profissão de professora, e me encantaram com seus trabalhos.

À minha professora do Ensino Médio, que me ensinou o quanto um educador pode impactar positivamente a vida de seus alunos e que me motivou a seguir na profissão.

Aos meus professores do curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) que dedicaram tempo e esforços a nos ensinar, sempre muito dedicados e atenciosos. Deixo um agradecimento especial à professora Eliane Deckmann Fleck por me contagiar com o entusiasmo de ensinar, e ao professor Jairo Henrique Rogge, por sua generosidade e orientação sempre que foi necessário.

Agradeço imensamente à minha professora orientadora Ana Paula Korndörfer pelo tempo dedicado a ajudar na construção deste trabalho e por todos os ensinamentos ao longo desses anos.

Agradeço aos colegas de curso e aos amigos conquistados, que deixaram a caminhada mais leve e divertida. Sentirei imensas saudades.

E' que á Medicina cumpre estes milagres. Sente quanto a ignorancia é fator de doenças, de soffrimentos, de todo este mal-estar individual que faz o mal-estar colectivo, que põe cada vez mais em perigo a estabilidade social, que não trepida em realizar a sentença que traçámos no artigo inaugural da sciencia que previne porque se espalha, da sabedoria que ampara porque ensina...¹

¹ "HYGIA". **Revista Hygia**, Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 01, jan./fev. 1931.

RESUMO

Em “A saúde infantil na Revista Hygia (Rio Grande do Sul, 1931)”, nosso objetivo é discutir quais eram as preocupações e as propostas no que se refere à saúde infantil presentes na *Revista Hygia – Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitária* na década de 1930, considerando as crescentes preocupações com a saúde das crianças nesse contexto. A revista foi lançada em maio de 1928 na capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, sob a direção de importantes figuras do cenário da saúde, como Ulysses de Nonohay. A publicação tinha por objetivo transmitir aos leitores uma educação voltada aos cuidados básicos de saúde e higiene, abordando temas como saúde da infância, maternidade e tratamento de doenças, contribuindo assim para as práticas médicas do período. Em diálogo com a história da saúde e a história social da infância, este trabalho discutirá, por meio da historiografia, as preocupações de médicos e governantes com a saúde infantil no Brasil e no Rio Grande do Sul no início da década de 1930. Além disso, apresentará a *Revista Hygia*, explorando aspectos gerais da sua construção e particularidades de suas publicações. Por fim, para alcançar o objetivo da pesquisa, serão analisadas e discutidas com maior evidência as publicações da revista que abordam a saúde da infância.

Palavras-chave: saúde infantil; revista Hygia; Rio Grande do Sul; década de 1930.

ABSTRACT

In “Child health in Revista Hygia (Rio Grande do Sul, 1931)”, our objective is to discuss what were the concerns and proposals regarding child health present in Revista Hygia – Popular Monthly Magazine of Medicine and Health Education in 1930s, considering the growing concerns about children's health in this context. The magazine was launched in May 1928 in the capital of the State of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, under the direction of important figures in the health scene, such as Ulysses de Nonohay. The publication aimed to provide readers with education focused on basic health care and hygiene, covering topics such as childhood health, motherhood and disease treatment, thus contributing to medical practices of the period. In dialogue with the history of health and the social history of childhood, this work will discuss, through historiography, the concerns of doctors and government officials with child health in Brazil and Rio Grande do Sul in the early 1930s. , will present the Hygia Magazine, exploring general aspects of its construction and particularities of its publications. Finally, to achieve the research objective, the magazine's publications that address childhood health will be analyzed and discussed more clearly.

Key-words: child health; Hygia magazine; Rio Grande do Sul; 1930s.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Revista Hygia, capa da Edição nº 1-2.....	46
Figura 2 - Preços dos anúncios na Revista Hygia, edição nº 1-2.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Taxa de mortalidade infantil, segundo as Grandes Regiões Brasil – 1930/1990.....	30
Tabela 2 - Mortalidade Infantil (0 – 2 anos) Porto Alegre: 1910-1927.....	35
Tabela 3 - Quadro comparativo da mortalidade infantil, no Rio Grande do Sul, comparado com a de diversas cidades nacionais e estrangeiras em 1924.....	37
Tabela 4 - Os artigos escritos por mulheres na revista Hygia	53
Tabela 5 – Os artigos da revista Hygia que fazem referência à saúde infantil e seus desdobramentos.....	56

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE TABELAS	8
1 INTRODUÇÃO	10
2 O CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL NOS ANOS 30	15
2.1 Um novo governo, uma nova forma de pensar	15
2.2 As medidas sanitárias no Rio Grande do Sul: a Reforma Sanitária de 1929	21
2.3 Problemas que pedem soluções!	23
2.4 Mortalidade infantil: o problema da década de 1930	25
2.5 Índices de mortalidade infantil em Porto Alegre	29
3 REVISTA HYGIA	36
3.1 Os periódicos e sua importância na veiculação das novas normas de higiene e saúde	36
3.2 A revista	41
3.3 Os colaboradores da revista Hygia	49
4 INFÂNCIA NA REVISTA HYGIA	52
4.1 Problemas e perspectivas médicas e sociais refletidos nas publicações sobre saúde infantil	53
4.2 As questões institucionais e os desafios relacionados à infância	55
4.3 Os cuidados com a saúde da infância	59
4.4 O impacto do alcoolismo nos problemas relacionados à infância	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
FONTES	77
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

A saúde infantil no Rio Grande do Sul no início dos anos 1930 reflete uma crescente preocupação dos governantes com o bem-estar das crianças em um contexto de mudanças sociais e sanitárias. Esse período foi marcado, no Brasil e no estado, por esforços significativos para melhorar as condições de higiene popular e combater as endemias e epidemias que afligiam a população, especialmente no que referia às faixas etárias mais vulneráveis, como as crianças. Buscando problematizar esta crescente preocupação com a saúde infantil, identificamos, através do site do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul², no Catálogo de Obras Raras, uma fonte histórica de grande relevância: a revista *Hygia – Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitária*, que circulou em Porto Alegre entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930.

De caráter médico, a revista tinha como principal objetivo instruir a sociedade sobre a importância dos bons hábitos de higiene e das práticas profiláticas essenciais para o enfrentamento das doenças recorrentes à época. Médicos e especialistas contribuíram com as publicações, elaborando e transcrevendo estudos, citando discussões realizadas em congressos e redigindo normas voltadas à prevenção de doenças e à promoção de hábitos saudáveis. O conteúdo da revista evidencia uma mobilização em torno dos cuidados com a saúde infantil, refletindo a crescente preocupação das autoridades sanitárias e a importância que o tema adquiriu no contexto das políticas públicas da época. Nesse sentido, este trabalho busca investigar quais eram as preocupações com a saúde infantil presentes na revista *Hygia* na década de 1930. A análise considera o cenário marcado pelos altos índices de mortalidade infantil e pela atenção crescente à saúde das crianças, questões já perceptíveis desde a Primeira República e intensificadas no período da Era Vargas.

Este trabalho dialoga com os estudos relativos à história da saúde, que constitui um amplo campo de estudo, que possibilita a análise de diversos aspectos

² Destacamos o papel fundamental do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul – MUHM na catalogação da revista *Hygia* e outras fontes históricas, ampliando seu acesso a pesquisadores, historiadores e público em geral. Esse projeto não apenas fortalece a preservação de acervos e o estudo históricos, mas também possibilita o acesso digital à revista *Hygia*, viabilizando a realização deste trabalho. Certamente, esta pesquisa contribuirá para futuros estudos sobre a revista e sobre a temática da saúde infantil no Brasil em diferentes contextos históricos. Fonte disponível em: https://www.muhm.org.br/pdf/cat_obras_raras. Acesso em 10 out. de 2014.

relativos às sociedades ao longo do tempo. Desde 1980, a história da saúde se afirma como um espaço de discussão entre historiadores, sociólogos, antropólogos e cientistas. Os historiadores Gilberto Hochman e Diego Armus em seu trabalho *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre a saúde e doença na América Latina e Caribe*,³ revelam que as pesquisas, nesse campo historiográfico, possibilitam compreender as especificidades locais, refletir sobre os aspectos comuns e analisar como cada país se insere no contexto científico e médico-sanitário, tanto em nível regional quanto internacional, “[...] além de indagar sobre o lugar da saúde, da medicina e da enfermidade em nossas sociedades e na construção de identidades nacionais, étnicas, raciais, geracionais e de gênero”.⁴ Segundo os autores, a história da saúde vem se consolidando como um campo de estudos de grande relevância, pois as pesquisas sobre doenças e problemas médico-sanitários estão intrinsecamente ligadas aos problemas sociais e políticos, refletindo nos processos de urbanização, industrialização e modernização.

No Brasil, esse campo de análise histórica já está bem estruturado e continua a se expandir, com novas investigações. Além de contar com uma ampla gama de periódicos especializados, os estudos nessa área abrangem artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, destacando a importância do tema para os pesquisadores e fornecendo valiosas fontes para futuras pesquisas. Por isso, buscamos identificar e examinar as preocupações com a saúde infantil expressas nos artigos da revista *Hygia* no início da década de 1930. Os textos revelam um discurso enfático sobre os cuidados com os recém-nascidos, evidenciando uma grande preocupação dos profissionais da área médica com relação ao tema. A partir dessa constatação, questionamos as razões subjacentes a essa preocupação explícita com a saúde das crianças e, ao explorar a historiografia, problematizamos os motivos pelo quais médicos e governantes debatiam e traziam essa questão à tona.

Em 1930, a mortalidade infantil representava um problema de grande escala no Brasil, assim como diversas doenças endêmicas e epidêmicas que afetavam a sociedade, como a tuberculose e a sífilis. A historiografia revela uma preocupação latente dos médicos com o quadro geral de mortalidade infantil, com destaque para

³ HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego, orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p.

⁴ HOCKMAN; ARMUS, 2004, p. 11.

os alarmantes índices de óbitos entre crianças com menos de dois anos de idade. Esse contexto despertou ainda mais interesse na pesquisa, especialmente porque a análise dos artigos da revista *Hygia* evidenciou uma atenção significativa e recorrente com os recém-nascidos. Diversos fatores interligados contribuíram para os elevados índices de mortalidade infantil nessa faixa etária. Entre os principais, destacavam-se a falta de conhecimento materno, a insuficiência de informações sobre puericultura, os cuidados pré-natais e neonatais, a má alimentação e as precárias condições de vida dessas crianças. Esses aspectos, amplamente discutidos na historiografia, são analisados ao longo desta pesquisa.

Foram analisados nove exemplares da revista *Hygia*, contendo um total de doze edições publicadas ao longo de 1931. Cada edição apresentava, em média, de nove a dezesseis artigos que abordavam temas diversos relacionados à saúde. Entre eles, foram selecionados oito artigos sobre saúde infantil para serem analisados de forma mais detalhada, cuja discussão é apresentada no terceiro capítulo deste trabalho. Os pressupostos metodológicos que nortearam a análise da nossa fonte de pesquisa estão relacionados ao uso de periódicos como fontes primárias para examinar a história cultural e social do período em que foram produzidos. Para embasar essa abordagem, recorremos ao trabalho *História dos, nos e por meio dos periódicos*,⁵ da historiadora Tania Regina de Luca, que sustenta a utilização de periódicos como fonte importante na construção do conhecimento histórico.

Para problematizar as informações presentes em nossa fonte, a revista *Hygia*, analisamos a historiografia disponível e encontramos um amplo número de artigos, livros, teses e dissertações que abordam o tema e o contexto deste trabalho sob aspectos e olhares diversos, enriquecendo a interpretação e a discussão dos dados. Alguns desses trabalhos serviram como a base da nossa contextualização histórica e, entre eles, podemos citar o trabalho da historiadora Ana Paula Korndörfer, “*É melhor prevenir do que curar*”: *A higiene e a saúde nas escolas públicas gaúchas (1893-1928)*,⁶ que possibilitou compreender a estrutura de saúde do Rio Grande do Sul no período e também o problema da mortalidade, significativo no Brasil e no

⁵ LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 3. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014. 110-153p.

⁶ KORNDÖRFER, Ana Paula. **“É melhor prevenir do que curar”: A higiene e a saúde nas escolas públicas gaúchas (1893-1928)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

estado. O trabalho *A saúde da criança na política social do primeiro governo Vargas*,⁷ de Maria Cristina Fonseca, serviu de grande aliado para analisar e compreender a política pública do governo Vargas na área da saúde, mais precisamente nas voltadas a saúde infantil.

Para compreender o contexto social de mudanças na área da saúde no Rio Grande do Sul, nos valem do trabalho da historiadora Gabrielle Werenicz Alves, *Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul: continuidades e transformações na Era Vargas (1928-1945)*⁸. O trabalho foi fundamental para compreender as mudanças implementadas pelo governo gaúcho na Reforma Sanitária de 1929, o que contribui muito para compreender aspectos sociais e políticos do contexto e dos problemas abordados pela nossa fonte documental. Diversos autores que conversam e debatem com os temas abordados nessa pesquisa foram utilizados para a construção do contexto que situa o leitor no recortes recortes espacial e temporal delimitados nesta pesquisa, o Rio Grande do Sul dos anos 1930.

A revista *Hygia* é uma fonte histórica que oferece inúmeras possibilidades de investigações acadêmicas. Recentemente catalogada, ainda é pouco utilizada como objeto de pesquisas. Até o momento, identificamos apenas três estudos que a empregam: o artigo de Maria Virginia Souza Guimarães, Marcelo Vianna e Angela Beatriz Pomatti, intitulado *A presença feminina no campo da saúde do Rio Grande do Sul nos anos 1930: o caso da revista médica “Hygia”*⁹, que debate a presença feminina nas autorias dos artigos publicados na revista, destacando a predominância de homens em relação às mulheres. O texto problematiza o fato de artigos voltados a temas femininos serem majoritariamente escritos por homens e realiza um levantamento sobre a trajetória e as contribuições das mulheres que figuram como autoras na publicação. Outro trabalho localizado é a dissertação de Bruno Chepp da Rosa, intitulada *Horrendo flagelo: a tuberculose, o enfermo tuberculoso e uma*

⁷ FONSECA, Cristina M. Oliveira. **A saúde da criança na política social do primeiro governo Vargas**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1993.

⁸ ALVES, Gabrielle Werenicz. **Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul: continuidades e transformações na Era Vargas (1928-1945)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

⁹ GUIMARÃES, Maria Virginia Souza; VIANNA, Marcelo; POMATTI, Angela Beatriz. **A presença feminina no campo da saúde do Rio Grande do Sul nos anos 1930: o caso da revista médica “Hygia”**. In: *Anais da 11ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa - MOEXP do IFRS Campus Osório* volume I: trabalhos ensino médio / [recurso eletrônico] / organização e editoração Marcelo Vianna. – Osório, RS: IFRS Campus Osório, 2021.

*imprensa médica gaúcha*¹⁰, que investiga a tuberculose no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX e analisa como a medicina local utilizou a imprensa para discutir a doença. O foco principal recai sobre o periódico Archivos Rio-Grandenses de Medicina, mas encontramos algumas citações referentes a nossa fonte, a revista Hygia. O terceiro estudo é este trabalho em construção. Neste sentido, o trabalho contribui com as discussões sobre saúde infantil, mas também explora mais uma possibilidade de pesquisa com relação à revista e que, até momento, não havia sido desenvolvida.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à análise e discussão das preocupações de médicos e governantes com a saúde infantil no Brasil e no Rio Grande do Sul no início do século XX. Foram examinados autores e apresentados dados que apontam os fatores responsáveis por promover os debates sobre a saúde infantil. Assim, destacamos as ações empreendidas pelos setores mencionados para solucionar as questões relacionadas à saúde das crianças.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação e análise da revista Hygia, principal fonte desta pesquisa, e desempenha um papel fundamental para compreender os questionamentos que motivaram este estudo. Exploramos a origem da revista, suas intenções, os fundadores e o público-alvo. Além disso, destacamos o papel dos periódicos, como o aqui analisado, na disseminação dos debates sociais e médicos da época.

Por fim, o terceiro e último capítulo foca nas publicações da revista Hygia que tratam dos cuidados com a saúde infantil. Realizamos uma análise detalhada das preocupações e propostas abordadas pela revista. E com base nessa análise, cotejamos as preocupações médicas e governamentais sobre o tema apontadas no primeiro capítulo com as abordagens apresentadas na revista.

¹⁰ ROSA, Bruno Chepp da. **HORRENDO FLAGELO: A tuberculose, o enfermo tubérculos e uma imprensa médica gaúcha**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

2 O CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL NOS ANOS 30

O primeiro capítulo deste trabalho tem por objetivo contextualizar o Brasil e o Rio Grande do Sul na década de 1930. Nosso objetivo não é abordar de maneira aprofundada as questões políticas e sociais que atravessam esse contexto, mas discutir aspectos que julgamos necessários para compreender o interesse pelas questões sanitárias, principalmente no que tange à saúde das crianças. Para isso, precisamos entender de que forma as questões relativas à higiene e saúde eram compreendidas pelos primeiros governantes do Brasil republicano.

2.1 Um novo governo, uma nova forma de pensar

Com o objetivo de abordar as políticas públicas de saúde no Brasil durante os anos 1930, apresentamos uma análise que dialoga com a historiografia do período. A década foi marcada pelo início do governo Vargas, que se estendeu até 1945, caracterizando-se por uma intensa centralização política e pela ampliação da atuação do Estado nas políticas públicas. Nosso interesse principal é refletir sobre as políticas públicas implementadas nesse contexto e a assistência à saúde infantil. Em seu trabalho *Instruir para a prevenção é atuar com cautela: a puericultura no Piauí durante as décadas de 1930 e 1940*¹¹, Joseanne Zingleara Soares Marinho (2020), na passagem do século XIX para o XX relata

As precariedades nas condições de higiene e de saúde da população causavam preocupação, mas, sobretudo, as taxas altas de mortalidade infantil provocavam muitas críticas acerca da falta de atuação efetiva dos poderes públicos. Os médicos contribuíram ativamente para essa reação ao fornecer estatísticas oficiais ou pessoais, lançando o alerta sobre os óbitos infantis, um problema que atingia crianças de todos os setores sociais, sendo mais grave nos mais pobres.¹²

Nesse sentido, no período que corresponde entre os anos 1930 e 1945, os historiadores Maurício Barreto Alvarez Parada e Helber Renato Feydit Medeiros em seu trabalho *Puericultura e políticas públicas de assistência à maternidade e à*

¹¹ MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. **Instruir para a prevenção é atuar com cautela: a puericultura no Piauí durante as décadas de 1930 e 1940**. (SYN)THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 85–95, 2021.

¹² MARINHO, 2020, p. 87.

*infância (1930-1945)*¹³ afirmam, em relação a esses problemas, que “[...] as instituições de saúde do Estado davam ênfase à profilaxia de doenças, também conhecida como puericultura, como forma de diminuir o alto índice de mortalidade infantil no país.”¹⁴ Dessa afirmação, podemos extrair duas informações principais: primeiro, a existência de um elevado índice de mortalidade infantil no país; e, segundo, a identificação da puericultura como um dos caminhos propostos para tentar reduzir o índice.

Segundo Marinho (2020), na década de 1930, puericultura era entendida como [...] a promoção do desenvolvimento físico, mental, emocional e moral de acordo com aquilo que era considerado pelos médicos como normal para cada faixa etária, visando a conservação da saúde geral das crianças”.¹⁵ A puericultura define os cuidados preventivos relativos às doenças, promovendo uma qualidade de vida melhor e uma pré-disposição à aquisição de doenças menor.

No Brasil, esse modelo de cuidado foi introduzido pelo médico Carlos Arthur Moncorvo Filho, que dedicou sua carreira em defesa das crianças e da “raça”. Em 1899, ele fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro e, em 1919, criou o Departamento da Criança no Brasil, com o objetivo de promover estudos científicos sobre infância e maternidade. Ainda em sua trajetória, organizou, em 1922, o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, cujo propósito era debater temas como medicina, higiene, assistência materno-infantil e legislações pertinentes ao tema.¹⁶ Apesar dos esforços de médicos como Moncorvo Filho, mudanças significativas na saúde infantil e na proteção da maternidade ocorreram apenas a partir dos anos 1930, sendo pouco expressivas até então.

Pensando no quadro geral de saúde pública do Brasil em meados de 1930, nos deparamos, como afirma Gilberto Hochman (2005) em seu trabalho *Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)*¹⁷, com

um quadro sanitário que, mesmo com avanços do poder público e do conhecimento biomédico, continuava sendo dramático em 1930: a febre

¹³ PARADA, Maurício Barreto Alvarez; MEDEIROS, Helber Renato Feydit. **Puericultura e políticas públicas de assistência à maternidade e à infância (1930-1945)**. *Revista Brasileira de História da Saúde*, v. 1, n. 1, p. 2-19, 2010.

¹⁴ PARADA, MEDEIROS, 2010, p. 02.

¹⁵ MARINHO, 2020, p. 86.

¹⁶ PARADA, MEDEIROS, 2010, p. 02.

¹⁷ HOCHMAN, Gilberto. **Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)**. *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 127-141, jan./jun. 2005.

amarela ainda ameaçava a capital e os portos litorâneos, a malária grassava pelo interior do país, a hanseníase ganhava a atenção dos médicos e a tuberculose continuava sendo o mais grave problema sanitário das cidades.¹⁸

A situação não era favorável, visto que, nos países desenvolvidos da Europa, as políticas públicas voltadas para a saúde se desenvolviam com maior intensidade. Para conter o caos da saúde pública, o Governo Provisório de Vargas criou, em 14 de novembro de 1930, o Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP). É importante destacar que a criação desse órgão público serviu de aparato administrativo para conter as ideias federalistas que, no passado, haviam avançado sobre a República, e reforçar “os ideais de formação de um Estado robusto e centralizado “[...] que alcançasse todo o território nacional, integrando as esferas federal, estadual e municipal em um projeto político-administrativo mais unificado”.¹⁹ Sobre o funcionamento do MESP, podemos destacar que a ele foi atrelado o já existente Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), criado em 1920. Embora algumas medidas provisórias tenham sido instituídas, elas não tiveram um impacto significativo nem representaram mudanças profundas no sistema de saúde. Três ministros comandaram o MESP nos primeiros anos de governo, e as mudanças só vão ser percebidas quando o Ministro Gustavo Capanema assume em 1934: “[...] o MESP chegou ao final do chamado Governo Provisório sem objetivos definidos para sua estrutura administrativa e sem claras linhas de ação”.²⁰

As reformas que promoveram resultados concretos foram implementadas a partir de 1934, pelo ministro Gustavo Capanema, que seguiu no cargo até 1945. As reformas impactaram a estrutura do MESP e definiram e consolidaram a estrutura administrativa e institucional de saúde pública no Brasil. Não é possível afirmar que, com o Governo Provisório, emergiram as preocupações sociais e higienistas no Brasil. Algumas questões relacionadas aos problemas de saúde já circulavam durante a Primeira República, ainda que de forma incipiente, e algumas ações foram implementadas nesse período. De acordo com Fonseca, porém, “o que ocorre a partir de 1930 é uma mudança no caráter dado à política social, que vai sendo

¹⁸ HOCHMAN, 2005, p. 129.

¹⁹ HOCHMAN, 2005, p. 130.

²⁰ HOCHMAN, 2005, p. 130.

incorporada enquanto uma função do Estado, fortalecendo-se a idéia do Estado como principal agente implementador de políticas sociais”.²¹

A centralização do governo é, novamente, uma preocupação latente e que desafia as esferas governamentais a agirem com e para a população, restringindo no Estado o poder de mudança. Os anos 1930 inspiram a incorporação de um novo projeto político do governo, “[...] que buscava a valorização das tradições culturais do País e reforçava o ideal de construção de uma nova nação, baseada em uma relação harmônica entre o Estado e o indivíduo”.²²

Para compreender os avanços no que se refere ao cuidado com a saúde das crianças, precisamos compreender a política social do primeiro governo Vargas. Entre os ideais defendidos pelo governo, o primeiro a ser destacado é a ideia que surge do cidadão, dos homens que compõem o povo brasileiro. É na década de 1930 que se desenvolve o ideal da junção entre Estado e indivíduo, o “homem nacional”, o “homem brasileiro”.²³ Essas denominações são importantes para entender as preocupações subjacentes com a saúde das crianças. Se o homem é brasileiro e ele constitui-se como a nação, e sendo as crianças o futuro dos homens, serão elas o futuro da nação. Recorrendo novamente a Fonseca (1993), e essa afirma que

Proteger a criança, defender seus direitos, significava por extensão resguardar a própria nação. A imagem de criança que se divulgava estava intimamente associada à nova nação que o governo almejava construir - trabalhar a infância, modelar o futuro cidadão, para mudar os rumos do País. Infância e nação entrelaçavam-se, formando assim um todo único, como bem indicam as palavras de Getúlio Vargas ao afirmar “que é preciso plasmar na cera virgem que é a alma da criança, a alma da própria Pátria.”²⁴

A preocupação com a saúde das crianças não era uma demanda apenas do governo brasileiro. Segundo Fonseca (1993), em diversos países se desenvolveu uma rede voltada para os problemas que acometiam a infância. A Polônia e a Iugoslávia definiram, em 1921, que era dever do Estado zelar pela maternidade e pelas crianças. O Chile criou o Conselho Superior de Proteção à Infância. A Argentina fundou a Diretoria de Eugenia, responsável pela assistência infantil. Estados Unidos e Alemanha também participaram da ação. Esse movimento em

²¹ FONSECA, 1993, p. 98.

²² FONSECA, 1993, p. 99.

²³ FONSECA, 1993, p. 100.

²⁴ FONSECA, 1993, p. 102.

nível mundial evidencia a importância do assunto e traz para o Brasil uma certa urgência, uma vez que, antes dos anos 1930, a assistência à maternidade e infância ocorria em carácter assistencialista, sem uma normativa governamental.

Com o governo de Vargas, o ideal de nação e de futuro começaram a se consolidar em políticas públicas, incorporando as crenças eugênicas²⁵ na construção de uma raça brasileira. Segundo Geandra Denardi Munareto, em sua tese *A ciência como regeneradora da nação: Eugenia e Autoritarismo no pensamento de Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Renato Kehl e Belisário Penna*²⁶, a ideia de melhoramento da população brasileira colocava o Estado com um aliado na implementação e coordenação de medidas de higiene e de eugenia: “Através de leis rígidas, este deveria impedir a entrada de etnias consideradas inferiores e inassimiláveis, de portadores de taras, desvios morais e doenças e de pessoas incapazes de trabalhar e contribuir para o enriquecimento da nação”.²⁷ Segundo a autora, caberia também ao Estado implantar políticas públicas voltadas à profilaxia e ao combate de doenças e assim evitar a multiplicação dos indivíduos disgênicos.

Para assegurar os objetivos identificados acima, o Estado deveria dotar-se de autoridade “[...] para que a saúde e a qualidade de vida atingissem sua plenitude. Além disso, era necessário que houvesse uma centralização dos serviços de saúde, de forma a garantir a sua continuidade e uniformidade nas diferentes regiões do país”.²⁸

A ideia eugenista imposta pelo Estado retoma o fator de urgência pública. Mudar para melhorar, se estabelecendo, novamente, a necessidade de medidas sociais ligadas à proteção das crianças. Como já mencionamos, no período que corresponde à década de 1920, temos uma grande leva de países preocupados com a infância. Entre as preocupações estão o elevado índice de mortalidade infantil, o

²⁵ Segundo Geandra Denardi Munareto “a Eugenia, ciência criada e assim nomeada por Francis Galton em 1883, tinha por objetivo utilizar os princípios da hereditariedade e dados estatísticos como forma de identificar os fatores que poderiam elevar ou prejudicar a qualidade da humanidade. Conforme seu próprio nome indicava, também estabelecia parâmetros para uma “boa reprodução”, ao incentivar a união entre pessoas saudáveis e portadoras de características superiores, fossem elas físicas, psicológicas ou intelectuais, ao mesmo tempo que desencorajava e tentava impedir a propagação de indivíduos de constituição e intelecto inferior e/ou portadores de morbidades”. MUNARETO, Geandra Denardi. **“O homem, em toda parte, é a riqueza da nação”: o discurso eugênico na Sociedade de Medicina de Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930.** *Revista de História* (São Paulo), n. 180, 2021.

²⁶ MUNARETO, Geandra Denardi. **A ciência como regeneradora da nação: Eugenia e Autoritarismo no pensamento de Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Renato Kehl e Belisário Penna.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2017.

²⁷ MUNARETO, 2017, p. 06.

²⁸ MUNARETO, 2017, p. 07.

trabalho infantil exploratório e o grande contingente de crianças abandonadas. As crianças abandonadas passam a ser reconhecidas como delinquentes em potencial e, de crianças, passam a ser nomeadas como menores. Por essa razão, esse grupo torna-se o foco de atenção dos médicos, cuja preocupação em relação a ele está profundamente ligada às ideias eugenistas. Visando resolver o problema, o governo estabelece instituições em São Paulo e no Rio de Janeiro com o objetivo de analisar o comportamento dos menores abandonados, com a suposta ideia de que eles representavam "moldes científicos", podendo ser moldados para o mal ou para o bem. De acordo com Fonseca (1993),

A partir da concepção de que saúde é uma questão de higiene, e que portanto a população deveria ser educada para que melhorasse suas condições de vida, a eugenia, o saneamento ambiental e a higiene individual se complementavam no objetivo maior que seria "gerar e criar um homem perfeito e sadio".²⁹

Os elementos trazidos até o momento deste trabalho evidenciam aspectos que marcaram o governo Vargas: as preocupações higiênicas; a preocupação crescente com a saúde pública, em especial a saúde das crianças, e a preocupação em formar um novo homem para um novo país em construção. Estas questões marcaram a política social do governo que se inicia nos anos 1930.

A discussão historiográfica aqui apresentada é importante para entender o crescente debate sobre saúde infantil que se encontra em revistas e jornais da época. Nosso problema de pesquisa parte de uma fonte na qual foi possível perceber um número expressivo de debates e manuais sobre cuidados com as crianças e um dos objetivos consiste em buscar saber como e por que esse debate se torna expressivo. Podemos dizer que, em grande medida, além do contexto internacional, em que já se observava a preocupação com questões ligadas à saúde das crianças, esse debate cresceu visando melhorar as condições de saúde pública, em especial das crianças, que seriam o futuro da nação, do novo país que estava se constituindo sobre as bases de um governo centralizado, concentrado nas mãos de Getúlio Vargas.

²⁹ FONSECA, 1993, p. 105.

2.2 As medidas sanitárias no Rio Grande do Sul: a Reforma Sanitária de 1929

As medidas sanitárias aplicadas no Rio Grande do Sul eram lentas, mas não inexistentes. A historiadora Gabrielle Werenicz Alves (2011) relata que a partir de 1928 algumas transformações no cenário político do Estado proporcionaram o início das modificações na saúde pública. A posse de Getúlio Vargas no cargo de presidente do Estado e o fim da Era Borgista — partidários de Borges de Medeiros, presidente do Rio Grande do Sul durante a Revolução de 1923 — representaram mudanças significativas nas concepções de saúde e no papel do Estado nesse setor. As preocupações com a saúde pública foram alvo do seu segundo ano de governo, em 1929, quando tornou pública propostas de transformação na área no Congresso de Municipalidades.

O Congresso de Municipalidades, realizado em julho de 1929 na capital Porto Alegre, contou com a participação de intendentess de quase todos os municípios gaúchos “[...] com o objetivo de discutir questões de interesse geral para o desenvolvimento do Estado”.³⁰ Entre os debates promovidos no congresso, as principais conclusões definidas foram: Os serviços sanitários ficariam centralizados e de responsabilidade do Estado; O Estado ampliaria os serviços de saúde pública para todos os municípios do Rio Grande do Sul; A cargo do Estado ficaria também a direção dos serviços de saneamento rural, profilaxia da sífilis e das moléstias venéreas; a luta contra a tuberculose; e a inspeção médico-escolar nas escolas municipais e estaduais. Em contrapartida aos serviços oferecidos pelo Estado, os municípios deveriam contribuir com 3% da sua receita bruta.³¹

A reforma ficou sob a responsabilidade do Dr. Fernando de Freitas e Castro, então chefe da Diretoria de Higiene e Professor de Higiene da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Alves (2011) infere que possivelmente o Dr. Freitas e Castro recebeu orientação e ajuda do Dr. Belisário Penna, especialista no assunto. Ainda sobre a reforma de 1929, Alves (2011) afirma que

A Reforma dos Serviços Sanitários do Rio Grande do Sul, realizada no ano de 1929, consistiu na elaboração de uma complexa estrutura administrativa, que envolvia Delegacias e Centros de Saúde, Postos de Higiene, Inspetorias Sanitárias e uma Repartição Central. As verbas para o setor

³⁰ ALVES, 2011, p. 73.

³¹ ALVES, 2011, p. 73-74.

seriam aumentadas, bem como o número de funcionários e regiões atendidas pelos serviços de saúde pública do Estado.³²

Segundo Alves (2011), a Repartição Central correspondia à Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul. As Delegacias de Saúde, principal instituição dessa nova estrutura organizacional, atuavam como o meio através do qual os médicos representariam a Diretoria de Higiene e Saúde Pública em todas as regiões do estado. Essas delegacias funcionavam como autoridades locais, responsáveis pela execução dos serviços sanitários.

De acordo com os relatos de Alves (2011), as delegacias de Saúde foram projetadas em quatro categorias de classe distintas, conforme as necessidades locais e as condições financeiras dos municípios. A delegacia de primeira classe se localizaria em Porto Alegre, contaria com cinco centros de saúde e estes atuariam com um número grande profissionais. As delegacias de segunda classe seriam sediadas em Rio Grande e Pelotas e teriam um número menor de funcionários. Já as delegacias de terceira classe teriam um número ainda menor de funcionários e estariam localizadas nos municípios de Santa Maria, Uruguaiana, Bagé, Alegrete, Cruz Alta e Cachoeira do Sul. Por fim, as delegacias da quarta classe seriam distribuídas nos demais municípios e teriam um número ainda menor de funcionários. Entre as atribuições das Delegacias de Saúde estava lutar “contra a mortalidade materna e infantil, que pesava consideravelmente no obituário geral do estado”.³³

Em cada distrito administrativo dos municípios, seria designado um Guarda Sanitário, subordinado ao Médico Delegado de Saúde. Esse profissional seria responsável por reportar ocorrências, fiscalizar o cumprimento do Regulamento Sanitário, coletar dados para a Estatística Demógrafo-Sanitária e, entre outras funções, realizar campanhas de conscientização sanitária.

Com a Reforma Sanitária de 1929, foram introduzidos, como vimos, os Centros de Saúde, que eram constituídos “[...] pela reunião de certo número de Dispensários, como o Dispensário de Tratamento das Moléstias Venéreas”,³⁴

³² ALVES, 2011, p. 74-75.

³³ ALVES, 2011, p. 76.

³⁴ “Neste sistema, o tratamento dos doentes atacados de sífilis e moléstias venéreas possuía um diferencial em seu funcionamento. Ele era realizado à noite, enquanto que os serviços de Higiene Infantil e Educação Sanitária, bem como de Profilaxia da Tuberculose, funcionavam durante o dia”. ALVES, Gabrielle Werenicz. **Centros de saúde e postos de higiene: novas instituições de**

Dispensário de Profilaxia da Tuberculose, Dispensário de Higiene Infantil e Serviço de Educação Sanitária”.³⁵ Segundo Alves (2011), os Posto de Higiene, por sua vez, limitariam suas funções aos serviços de tratamento e profilaxia de determinadas doenças, e seriam instituições menos complexas e instaladas em cidades pequenas com pouca população. Haveria também os serviços de Inspeção Médico-Escolar, Serviço de Inspeção de Saúde, e a Fiscalização dos Gêneros Alimentícios.

No entanto, a Reforma Sanitária de 1929 foi executada apenas de forma parcial, em decorrência das dificuldades financeiras e mudanças na política do país. As verbas que foram destinadas ao setor demonstram a importância que os problemas de saúde representavam no período. Em Porto Alegre e em algumas outras cidades do interior, os planos da reforma sanitária foram realmente postos em prática. Porém, como destaca Alves (2011), a grande maioria das cidades do Estado continuou com problemas no sistema sanitário e sofreu com a falta de serviços de saúde pública. Por fim, Alves (2011) infere que “a grande mudança trazida por esta reforma foi o abandono do princípio positivista de liberdade individual, utilizado até então para justificar a não realização de políticas de intervenção específica na área da saúde pública, durante os governos anteriores”.³⁶

2.3 Problemas que pedem soluções!

Já mencionamos a situação sanitária do Brasil e do Rio Grande do Sul no que corresponde ao delimitar do início da República até o Governo Provisório no início dos anos 1930. Essa contextualização foi necessária para compreender o contexto em que se insere o foco principal do trabalho: a emergência das questões sanitárias voltadas para a saúde da infância. Desta forma, nos propomos agora a entender de que forma a infância era vista no período e quais os dados sanitários revelam as condições de saúde em que as crianças se encontravam.

Na passagem do século XIX para o XX as discussões em torno da infância se intensificam e sobre isso Irma Rizzini em seu trabalho *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção*³⁷ ressalta que

saúde para novas políticas públicas (Rio Grande do Sul, 1928-1945). História em Revista, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 312-331, dez. 2020. p.321.

³⁵ ALVES, 2011, p. 77.

³⁶ ALVES, 2011, p. 81.

³⁷ RIZZINI, Irma. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção.** Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993. Cap. 2.

As crianças nas ruas, nos asilos, nas famílias, nas fábricas e oficinas, a mortalidade e a criminalidade infantil, são temas que preocupavam diversas categorias profissionais da época, aquecendo as discussões e provocando o surgimento de propostas, projetos, leis, no sentido de proteger e assistir a infância “desvalida”, mas também de aliviar a consciência de uma sociedade envergonhada e ameaçada com sua presença.³⁸

A atenção à infância precisava ser modificada: “Médicos, juristas, educadores e governantes, entre outros setores das elites brasileira e gaúchas, discutiam essas questões e propunham ações”.³⁹ Essas ações eram coletivas e visavam a implementação de mudanças significativas em diversos setores da vida cotidiana. Os principais problemas destacados por Korndörfer com relação à infância estavam ligados ao alcoolismo, à má alimentação e aos castigos físicos. O alcoolismo precoce era um problema constante das cidades, e precisava ser combatido com rapidez, levando em consideração que do alcoolismo surge uma série de outros problemas maléficos à saúde. A má alimentação provinha muitas vezes da procedência controversa dos alimentos e da má conservação deles. “[...] mas também a outra questão muito discutida no período, principalmente pelos médicos, a falta de preparo das mães para cuidarem de seus filhos pequenos”.⁴⁰ Assim, crenças populares passaram a ser vistas como equivocadas e perigosas, dando origem à difusão de uma nova concepção de saber materno.

As mães deveriam, segundo os médicos, ser educadas, para cuidarem de seus filhos, recebendo orientações básicas sobre a gestação, o trato com o recém-nascido, alimentação, doenças infantis e higiene. Esta educação poderia ocorrer através da imprensa escrita, do rádio, de publicações populares e de serviços profissionais.⁴¹

De fato, surge uma nova diretriz sobre os cuidados a serem tomados com os recém-nascidos. Exemplos disso serão destacados no terceiro capítulo, em que analisaremos as publicações da revista Hygia.

Para além das preocupações já mencionadas, outro grave problema na transição entre o século XIX e XX e que ganha destaque entre os estudiosos sobre infância: o trabalho infantil. Em 1870, as crianças já estavam inseridas no trabalho industrial, “[...] plenamente incorporados ao processo produtivo e são vítimas

³⁸ RIZZINI, 1993, p. 25-26.

³⁹ KORNDÖRFER, 2007, p. 71.

⁴⁰ KORNDÖRFER, 2007, p. 72.

⁴¹ KORNDÖRFER, 2007, p. 73.

freqüentes de acidentes de trabalho nos estabelecimentos industriais [...]”.⁴² As longas jornadas de trabalho, a falta de segurança e a remuneração quase nula que as crianças recebiam eram, para os patrões, a possibilidade de diminuir os custos da produção, por isso as crianças eram encontradas “aos montes” dentro das edificações fabris.

Esse contexto, que se estende do final do século XIX até o início do século XX, colabora para intensificar os problemas de saúde relacionados à infância. O trabalho brutal nas fábricas, o abandono, o alcoolismo, a má alimentação e os cuidados maternos, que estavam em pauta nas discussões médicas, corroboraram para os índices de mortalidade infantil elevados, e novamente colocam a infância no foco e evidenciam a urgência de políticas públicas destinadas a atender as necessidades básicas das crianças.

2.4 Mortalidade infantil: o problema da década de 1930

Os problemas relativos à qualidade de vida no século XX era evidente, como demonstram os dados apresentados. Observa-se uma mudança em relação ao século anterior, pois atualmente há um olhar mais atento e discussões mais fundamentadas sobre os problemas que afetam a infância. No entanto, entre todos os problemas, destaca-se um que abrange os demais: a mortalidade infantil. Rizzini enfatiza que a mortalidade infantil “[...] é eleita como um dos mais sérios problemas que afetam a infância, gerando não só uma série de estudos [...], mas também propostas, projetos e iniciativas assistenciais visando a saná-las”.⁴³

A mortalidade infantil tornou-se foco das políticas públicas em nível nacional e também uma preocupação dos governantes estaduais da época. O grande desafio era entender os fatores que elevavam os índices de mortalidade, a fim de atuar diretamente na raiz do problema.

Em nível nacional, os índices de mortalidade infantil preocupavam, enormemente, médicos, governantes e defensores da infância. Os médicos procuravam apontar as causas da mortalidade infantil, destacando a hereditariedade, a ignorância e a pobreza como sendo as causas gerais. Relacionados a hereditariedade estavam a sífilis e o alcoolismo. A ignorância se manifestava, como já mencionamos, nos cuidados inadequados das mães para com seus filhos. Dentre as causas mais

⁴² MOURA, 1998, p. 118-119 *apud* KORNDÖRFER, 2007, p. 74.

⁴³ RIZZINI, 1993, p. 33.

específicas da mortalidade infantil, os médicos destacavam, entre outras, os transtornos digestivos, os distúrbios respiratórios e as causas natais e pré-natais.⁴⁴

Com base nesses fatores, vamos analisar a tabela abaixo, que apresenta as taxas de mortalidade por região no Brasil, no período de 1930 a 1990.

**TABELA 1 - Taxa de mortalidade infantil, segundo as Grandes Regiões
Brasil – 1930/1990⁴⁵**

Ano	Taxa de mortalidade infantil (‰)					
	Bras il	Nort e	Nord este	Sud este	Sul	Cent ro-Oeste
1930	162,4	193,3	193,2	153,0	121,0	146,0
1935	152,7	170,0	188,0	145,0	120,0	133,0
1940	150,0	166,0	187,0	140,0	118,0	133,0
1945	144,0	156,0	185,0	130,0	113,0	123,0
1950	135,0	145,4	175,0	122,0	109,0	119,0
1955	128,2	127,5	169,6	108,0	94,7	114,0
1960	124,0	122,9	164,1	110,0	96,0	115,0
1965	116,0	111,3	153,5	96,0	84,0	99,0
1970	115,0	104,3	146,4	96,2	81,9	89,7
1975	100,0	94,0	128,0	86,0	72,0	77,0
1980	82,8	79,4	117,6	57,0	58,9	69,6
1985	62,9	60,8	93,6	42,6	39,5	47,1
1990	48,3	44,6	74,3	33,6	27,4	31,2

Fonte: IBGE, 1997 apud IBGE, 1999, p. 20.

A partir dos dados apresentados, podemos observar que, em 1930, a região Norte possuía o maior índice de mortalidade infantil em comparação às demais regiões do Brasil, enquanto a região Sul registrava os menores números. Embora a taxa de mortalidade infantil fosse extremamente elevada em 1930, esse valor “[...] já era o resultado de um lento, mas consciente declínio de mortalidade, iniciado desde

⁴⁴ KORNDÖRFER, 2007, p. 76.

⁴⁵ IBGE, 1999, p. 20.

o princípio do século que é o reflexo da implantação de determinadas políticas sanitárias em alguns centros urbanos nacionais”.⁴⁶

Ao longo deste trabalho discutimos algumas das políticas sanitárias, com destaque especial para o Rio Grande do Sul, como a centralização dos serviços de saúde nos Centros de Saúde e Postos de Higiene. É importante ressaltar que os índices apresentados são o resultado de problemas diários enfrentados pela população infantil do Brasil. Korndörfer (2007) e Rizzini (1993) destacam fatores como a herança alcoólica, tuberculose, sífilis, alimentação insuficiente e condições precárias de higiene como as principais causas que contribuem para os altos índices da mortalidade infantil.

Isso se confirma para além desses estudos, pois nos registros da revista *Hygia* encontramos reportagens que abordam esses fatores, destacando o problema e, em alguns casos, sugerindo soluções médicas. Essas questões serão discutidas em maior profundidade no terceiro capítulo.

Os índices de mortalidade infantil eram um desafio a ser enfrentado pelas autoridades sanitárias. No entanto, segundo Korndörfer (2007),

A ideia de saúde não estava, no período em questão, relacionada apenas à saúde física infantil, mas também a um comportamento considerado “saudável”. A criança saudável não era apenas a criança fisicamente saudável, mas também a criança disciplinada higienizada e moralizada.⁴⁷

Esse cenário ilustra bem a mudança de postura do governo Vargas em relação à saúde infantil. As crianças eram vistas como o futuro da nação brasileira, e essa nação deveria ser composta por cidadãos exemplares. Margareth Rago (1985), em seu livro *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil: 1890-1930*⁴⁸, afirma que

Refletindo sobre o tema, a literatura médica procura detectar as causas do fenômeno, elabora estatísticas e quadros comparativos referentes à situação em outros Estados ou mesmo entre países. Certamente, o problema não era novo, mas neste momento histórico adquire dimensões inusitadas no discurso médico, criminologista, dos industriais,

⁴⁶ IBGE, 1999. p. 20.

⁴⁷ KORNDÖRFER, 2007, p. 79.

⁴⁸ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil: 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209p.

principalmente pela ameaça de despovoamento que representava para a nação.⁴⁹

A ideia apresentada na citação de Rago pode parecer dura, pois destaca um problema profundamente enraizado nas preocupações econômicas do Brasil. Korndörfer (2007) se vale dessa questão e observa

que a mortalidade infantil representava o choque entre a prática da “compra de braços” e a morte dos “futuros homens do Brasil”, que transformariam o Rio Grande do Sul e o país e que levariam o Brasil ao progresso. As doenças e a mortalidade representavam prejuízos econômicos, visto que a criança seria, amanhã, o trabalhador, o produtor e, também, o consumidor.⁵⁰

Nessa linha de pensamento, Fábio Roberto Wilke em seu trabalho intitulado *Políticas públicas de saúde para mulheres e crianças no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)*⁵¹ relembra o discurso do governo Vargas que enfatiza a importância das crianças para o futuro do país, destacando os elevados índices de mortalidade infantil e os prejuízos causados ao desenvolvimento tanto em nível nacional quanto estadual. O historiador aponta a mortalidade infantil como um dos maiores problemas de saúde pública entre as décadas de 1930 e 1940.⁵²

Ainda em relação à mortalidade infantil, é crucial destacar dois fatores previamente mencionados: a pobreza e a falta de conhecimento das mães no cuidado de seus filhos. Rago (1985) menciona em seu trabalho que

A pobreza, na medida em que se refletia na má alimentação das mães e dos filhos, no trabalho excessivo das mulheres, especialmente das gestantes, influía diretamente na constituição orgânica da criança ou resultava mesmo em sua morte, segundo a lógica do discurso médico. A criança pobre, mal vestida, mal nutrida, sem resistências imunológicas orgânicas, vivendo agrupada com muitas pessoas em cubículos estreitos, sombrios, insalubres, estariam muito mais sujeita às enfermidades do que as mais favorecidas.⁵³

É um problema que está ligado não apenas às questões de pobreza, mas também habitacional, e afetava diretamente a classe trabalhadora do país. Por realidades como essa, Korndörfer (2007) destaca em seu trabalho que, ao final do

⁴⁹ RAGO, 1985, p. 125.

⁵⁰ KORNDÖRFER, 2007, p. 77.

⁵¹ WILKE, Fábio Roberto. **Políticas públicas de saúde para mulheres e crianças no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)**. Tese (Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.

⁵² WILKE, 2023, p. 61.

⁵³ RAGO, 1985, p. 128-129.

século XIX, coexistiam dois tipos de infância que divergiam entre si: a infância das camadas privilegiadas, marcada pelo amor, ternura e alegria de viver, e a infância marginalizada, marcada por crianças desamparadas que viviam em extrema pobreza e em situação de vulnerabilidade, sendo frequentemente vistas como perigosas. Formava-se uma perspectiva ambígua acerca da infância, na qual a criança é vista como o futuro da nação, enquanto, simultaneamente, é percebida como um menor que representa uma ameaça à sociedade.⁵⁴

O historiador Fábio Wilker (2023) menciona que o “problema da infância”, manifestado pela alta taxa de mortalidade infantil, decorria da ausência de cuidados adequados com as crianças. No mesmo sentido, Margareth Rago (1985) afirma que “[...] a ignorância das mulheres era responsabilizada pela alta taxa de mortalidade das crianças, uma vez que as mães desinformadas e ignorantes das classes pobres não sabiam cuidar da higiene dos recém-nascidos”.⁵⁵ As abordagens para lidar com essa questão incluíam não apenas ações de assistência materno-infantil, mas também iniciativas voltadas à educação das mães, visando à criação apropriada de seus filhos.⁵⁶ Dessa forma, Rago (1985) salienta que

O discurso médico, partindo das classes dominantes, condenava autoritariamente quase todas as práticas populares de cuidados com a infância, transmitidas oralmente de geração a geração e que expressavam o saber autônomo das mulheres [...].⁵⁷

É em torno desse ideal que as políticas públicas higienistas serão formuladas. Como abordaremos no terceiro capítulo deste trabalho, diversas revistas de caráter médico dedicavam suas publicações à educação da comunidade leiga, reforçando os ensinamentos da medicina científica sobre o cuidado com a higiene, principalmente a higiene das crianças.

2.5 Índices de mortalidade infantil em Porto Alegre

A mortalidade infantil foi destacada como a principal questão sanitária da década de 1930. Suas causas são identificadas e incluem fatores diversos, como alimentação inadequada e insuficiente, condições precárias de moradia, falta de

⁵⁴ KORNDÖRFER, 2007, p. 80.

⁵⁵ RAGO, 1985, p. 127.

⁵⁶ MARTINS E FREIRE (2018, p. 190) *apud* WILKER, 2023, p. 68.

⁵⁷ RAGO, 1985, p. 127.

acesso a saneamento básico, doenças endêmicas como sífilis e tuberculose, além da falta de conhecimento adequado por parte das mães. Esses fatores afetavam o Brasil como um todo, conforme evidenciado pelos números da Tabela 1, apresentada anteriormente. Embora a região Sul apresentasse o menor índice de mortalidade infantil entre as regiões, isso não pode ser visto como algo positivo, pois, mesmo a menor taxa entre eles, os índices ainda eram alarmantes. Neste espaço de discussão propomos apresentar os índices e diagnósticos sobre a mortalidade infantil no Rio Grande do Sul, considerando que essa análise é fundamental para a compreensão geral da pesquisa aqui desenvolvida. Nossa principal fonte, a revista *Hygia*, circulava no estado, tornando essencial entender como o problema da mortalidade infantil impactava a região.

Para a análise desses dados, vamos nos basear na pesquisa de Ana Paula Korndörfer, que realiza um levantamento sobre a mortalidade infantil no Rio Grande do Sul quando disserta sobre os aspectos de saúde e higiene nas escolas públicas gaúchas no período de 1823 a 1928. As análises de Korndörfer são realizadas a partir das impressões do Dr. Protasio Antonio Alves,⁵⁸ médico e governante gaúcho, e do Dr. Euclides de Castro Carvalho, médico paulista, que em 1927 realizou um estudo sobre as condições sanitárias do Rio Grande do Sul, sendo a mortalidade infantil um dos tantos aspectos abordados.

Como já destacado nesta pesquisa, o problema da mortalidade infantil preocupava especialista e governantes da época. Os relatórios da Diretoria de Higiene e alguns dos Relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior do Rio Grande do Sul – Secretaria da qual o Dr. Protasio Alves fez parte – também revelavam os números preocupantes da mortalidade das crianças. Korndörfer (2007) relata que já em 1893, o Dr. Protasio Alves, Inspetor da Higiene, evidenciava a grande mortalidade de crianças. No Relatório de 1909, o então Diretor de Higiene, o Dr. Ricardo Machado, afirma que “o numero total, absoluto, de óbitos

⁵⁸ O Dr. Protasio Alves nasceu em 1859, natural de Rio Pardo e iniciou seus estudos em medicina no Rio de Janeiro, em 1877. No Rio, Protasio Alves participou de pesquisas científicas e se lançou em prol da ascensão da República. Sempre muito ativo em sua vida acadêmica e política, Protasio Alves exerceu cargos e funções diversas: mesário da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, entre 1890 e 1891; Diretor da Higiene Pública do Estado, de 1891 a 1896 e 1901 a 1904; presidente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em 1890; e Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, de 1907 a 1928.⁵⁸ O Dr. Euclides de Castro Carvalho, médico paulista, produziu um estudo em 1927 intitulado *O Estado Sanitário do Rio Grande do Sul*. O médico e pesquisador atuou, entre vários cargos, como médico da Marinha Mercante Francesa, médico da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e farmacêutico diplomado pela Escola de Farmácia de São Paulo. KORNDÖRFER, 2007, p. 92-93.

conservou-se o mesmo, apesar do aumento da população durante o anno; por outro lado é digno da maxima atenção que 33% d'esses obitos correspondem aos abaixo de 2 annos [...]”.⁵⁹

No Relatório de 1928, Korndörfer (2007) encontra dados sobre os índices de mortalidades que se referem aos anos de 1910 e 1927. Os dados são apresentados na tabela abaixo.

TABELA 2 – Mortalidade Infantil (0 – 2 anos)

Porto Alegre: 1910-1927

<i>ANO</i>	<i>OBITUÁRIO GERAL</i>	<i>MORTALIDADE INFANTIL</i>	<i>%*</i>
1910	2702	860	31,8%
1911	3488	1393	39,9%
1912	4159	1460	35,1%
1913	3689	1305	35,3%
1914	3310	1203	36,3%
1915	3311	1110	33,5%
1916	3305	1071	32,4%
1917	3845	1346	35%
1918	5087	1344	26,4%
1919	3091	1506	48,7%
1920	3864	931	24%
1921	3515	1458	41,4%
1922	3580	1251	34,9%
1923	4124	1503	36,4%
1924	4269	1479	34,6%
1925	4080	1300	31,8%
1926	3992	1194	29,9%
1927	4501	1511	33,5%

Fonte: SIE.3 – 044 (Higiene, 1928, p.107) apud Korndörfer, 2007, p. 94.

*Korndörfer (2007) indicou a porcentagem da mortalidade infantil de crianças entre 0 e 2 anos em relação ao obituário geral.

De acordo com os dados apresentados na tabela, podemos observar que a porcentagem de mortalidade infantil entre 0 e 2 anos é elevada e quase sempre fica acima de 30%. Da mesma forma, Korndörfer (2007) infere que a situação de higiene do estado era crítica, sem apresentar índices de melhora, uma vez que os números

⁵⁹ SIE.3 – 018 (Higiene, 1909, p.244) apud KORNDÖRFER, 2007, p. 93.

gerais de mortalidade são constantes. A partir disso, podemos considerar duas situações que se inter-relacionam. Korndörfer (2007) nos apresenta a visão do Dr. Euclides sobre as possíveis causas da mortalidade infantil.

Euclides de Castro Carvalho, por sua vez, apontava como principais causas da mortalidade infantil no Rio Grande do Sul, em primeiro lugar, as moléstias do aparelho digestivo; em segundo lugar, as causas natais, pré-natais e neonatais, entre as quais a sífilis se acha incluída, e, em seguida, as moléstias do aparelho respiratório, as doenças infectocontagiosas e as afecções constitucionais das mães (nefrite, tuberculose, eclampsia, diabetes, etc.). No Relatório da Diretoria de Higiene do estado, os transtornos digestivos também aparecem como uma das principais causas da mortalidade infantil, juntamente com as chamadas moléstias gerais, ou seja, tuberculose, gripe, febre tifóide, sífilis (transmitida pela mãe), peste, sarampo, entre outras.⁶⁰

Se pensarmos logicamente, as crianças entre 0 e 2 anos são biologicamente vulneráveis e dependentes de suas mães. Algumas das doenças citadas na passagem acima são transmitidas diretamente pela mãe, e outras estão relacionadas aos problemas de salubridade da época. Esse fato elevava a preocupação dos médicos com as crianças e por esse motivo encontramos na revista Hygia muitos artigos que remetem aos cuidados com os recém-nascidos e ao preparo das mulheres para a maternidade, bem como outros artigos sobre alimentos, verminoses e consumo de vitaminas para o funcionamento eficiente e saudável do corpo.

As doenças pré-natais também eram comuns à época, e segundo Korndörfer (2007)

Não é possível, a partir dos dados dos Relatórios da Diretoria de Higiene do Rio Grande do Sul, organizar um estudo sistemático sobre a natimortalidade em Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul, mas é possível inferir, pelas referências dos Diretores da Higiene e pelo estudo de Carvalho, que os números eram preocupantes.⁶¹

Em relação aos números que preocupavam médicos e governantes, no Relatório da Diretoria de Higiene de 1903, onde constam os dados de 1902, a historiadora identifica que “[...] dos 2608 nascimentos registrados em Porto Alegre, 192 foram de crianças nascidas mortas, ou seja, 7,3%[...]”.⁶² Isso sinaliza a importância dos cuidados gestacionais que tiveram início nesse período, e podemos

⁶⁰ KORNDÖRFER, 2007, p. 95.

⁶¹ KORNDÖRFER, 2006, p. 95-96.

⁶² KORNDÖRFER, 2007, p. 96.

citar o Dr. Protasio Alves como um dos médicos que contribuíram para os debates sobre o tema. Korndörfer (2007) nos conta que “em 1897, Protasio Alves fundou, com os colegas Dioclécio Pereira, Serapião Mariante, Carlos Nabuco e Sebastião Leão, o Curso de Partos na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre”.⁶³

Em seu trabalho, Korndörfer (2007) apresenta uma segunda tabela dispondo dos números gerais de óbitos e dos números da mortalidade infantil de algumas regiões do mundo para fins comparativos.

TABELA 3: Quadro comparativo da mortalidade infantil, no Rio Grande do Sul, comparado com a de diversas cidades nacionais e estrangeiras em 1924*

CIDAD ES	Popula ção	Óbitos geraes	Óbitos de menores de 1 anno	Nasci mentos	Coef. Sobre 1.000 nascimentos
Haya	391.369	3.473	257	7.984	32,18
Stockolmo	438.896	4.737	276	5.399	51,12
Londres	4.576.505	55.887	5.904	85.147	69,33
Milão	864.720	10.748	901	12.723	70,81
Buenos Ayres	1.838.561	25.186	3.381	45.805	73,81
Chicagoo	2.939.605	32.918	4.528	58.900	76,87
Hamburgo	1.074.357	12.454	1.296	15.086	85,90
Paris	2.906.472	41.639	4.061	46.069	88,09
Bruxelas	215.145	2.290	283	3.079	91,91
Barcelona	760.572	15.392	1.845	18.229	101,21
Liverpool	851.800	11.424	2.117	20.559	102,97
Praga	795.149	8.336	1.105	9.523	116,08
Napoles	789.531	15.484	2.527	19.507	129,54

⁶³ KORNDÖRFER, 2007, p. 89.

Varsovia	965.237	14.208	3.277	21.157	154,88
R. de Janeiro	1.442.088	23.140	5.325	33.889	157,00
São Paulo	789.995	13.158	3.896	23.191	168,00
Porto Alegre	218.728	4.516	1.144	6.717	170,31
Cairo	804.200	27.226	10.072	41.467	242,89
Pelotas	82.160	2.043	645	2.471	261,02
Rio Grande	45.660	1.306	571	1.416	403,24
Rio Grande do Sul (Estado)	2.287.940	26.648	7.452	63.629	117,11

Fonte: CARVALHO, 1927, p. 209 *apud* Korndörfer, 2007, p. 96.

*Mantivemos a grafia original do quadro.

Com base nos dados apresentados na tabela, constatamos que, em Porto Alegre, no ano de 1924, 25,3% do total de óbitos são de crianças com menos de 1 ano de idade. O estado do Rio Grande do Sul registra uma taxa de 27,96% de óbitos entre recém-nascidos com até 1 ano de idade. Esses números tornam-se ainda mais alarmantes quando comparados aos índices de mortalidade de outros estados apresentados na tabela. Sobre o estado gaúcho, o Dr. Euclides de Castro Carvalho dissecou sobre as condições sanitárias do Rio Grande do Sul e expõe que as taxas de mortalidade “[...] vem se mantendo há alguns annos, contrastando com o grande surto de progresso que presentemente atravessamos, supprimindo vidas que deveriam constituir amanhã os principaes factores de povoamento, de actividade social e economica”.⁶⁴ Dr. Portásio Alves também aborda a questão destacando que o problema da mortalidade infantil é de interesse para os higienistas, também sob a perspectiva econômica, retomando a discussão já apresentada neste capítulo.⁶⁵

Os problemas pré-natais afetavam gravemente a população infantil, evidenciados pelos números alarmantes de crianças que faleciam antes de

⁶⁴ CARVALHO, 1927, p. 206 *apud* KORNDÖRFER, 2007, p. 97.

⁶⁵ KORNDÖRFER, 2007, p. 97.

completar dois anos de idade. Esse fato é abordado pelo Dr. Ricardo Machado, Diretor de Higiene, que em 1910 escreve a seguinte afirmação do Relatório:

Continua alta a porcentagem com que figuraram no obituario os menores de dois annos. Se bem que (como no caso da tuberculose) o facto seja extensivo a todas as capitaes e de difficil remedio, ainda assim alem de outros meios indirectos conviria o poder publico ir em auxilio da iniciativa particular dotando com sua attenção as organizações protectoras da infancia, protegendo efficaazmente a gestante no termo da gravidez e a mãe logo após o parto.⁶⁶

O problema da alta mortalidade entre os recém-nascidos já foi mencionado diversas vezes ao longo deste trabalho, com base nos relatos de médicos e higienistas da época. As necessidades de assistência para mães e crianças foi tida como uma das medidas a serem implantadas. Para além disso, Korndörfer (2007) sugere pensar no cerne do problema. Ela afirma que na passagem do século XIX para o século XX muito pouco se conhecia do corpo da mulher, o que pode ter contribuído para que se elevasse a taxa de mortalidade das crianças menores de dois anos.⁶⁷

Por fim, infere-se uma ignorância popular sobre as doenças. Na passagem abaixo, extraída do Relatório da Diretoria de Higiene de 1893 por Korndörfer (2007), é possível observar esta questão:

Uma parcella n'esta estatistica notavel pela quantidade que representa é a dos obitos sem assistencia medica. Procurando estudar a causa d'esse facto, notamos que dos 518 individuos fallecidos sem assistencia, 358 foram creanças menores de 10 annos das quaes, apenas 18 falleceram com menos de 24 horas. Observamos por outro lado que, d'entre os 1754 individuos que falleceram com assistencia medica, só 644 eram menores de 10 annos, havendo 5 com menos de 24 horas. Temos no primeiro grupo (sem assistencia) uma mortalidade em creanças de 70% e no segundo a mortalidade das creanças é de 36%. Esta differença mostra que grande numero de creanças morre por falta de soccorros profissionaes. Essa falta não provém da recusa dos medicos em prestar cuidados aos pequenos doentes; ella provém da crença, que tem o povo, de que a homoeopathia (sic) é a medicina das creanças e, baseados n'essa crença, deixam de procurar um profissional para ir pedir ao *seu Fulano* uma dose para o pequeno.⁶⁸

Os números apresentados revelam uma porcentagem maior de crianças que morrem sem atendimento. Na passagem, a falta de atendimento é justificada por um conjunto de crenças populares que contrapõem em certa medida a ciência médica.

⁶⁶ SIE.3 – 019 (Higiene, 1910, p.205) *apud* KORNDÖRFER, 2007, p. 99.

⁶⁷ KORNDÖRFER, 2007, p. 100.

⁶⁸ SIE.3 – 001 (Higiene, 1893, p.95-96) *apud* KORNDÖRFER, 2007, p. 102.

Korndörfer (2007) destaca, porém, que o valor das consultas médicas também deve ser levado em consideração em relação aos índices de mortalidade infantil apresentados no relatório.⁶⁹

As análises realizadas neste trabalho evidenciam que a mortalidade infantil era um problema alarmante naquela época, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil, no período aqui enfocado. Os índices apresentados referem-se a um período que antecede os anos 1930, mas não há dados que sugere uma melhora da situação. Questões como a falta de assistência médica e sanitária, a baixa qualidade dos alimentos e a falta de conhecimento sobre os cuidados infantis foram amplamente identificadas como as principais causas desse índice. Dessa forma, a mortalidade infantil, já alarmante antes dos anos 1930, só começou a ser enfrentada de maneira mais organizada e eficaz com a implementação das políticas higienistas e sanitárias no Governo Provisório, refletindo um avanço nas preocupações governamentais com a saúde pública e a infância.

3 REVISTA HYGIA

Após a análise historiográfica sobre a saúde da infância na década de 1930, tema do primeiro capítulo, este segundo capítulo se propõe a apresentar a revista Hygia, fonte analisada nessa investigação. Abordaremos a origem da revista Hygia, seus fundadores e os objetivos de suas publicações. Com ênfase no papel crucial que os periódicos desempenharam na disseminação dos debates sociais e médicos da época, destacaremos como o periódico buscou contribuir para a educação sanitária e a construção de discursos sobre saúde pública e higiene no Rio Grande do Sul no início da década de 1930.

3.1 Os periódicos e sua importância na veiculação das novas normas de higiene e saúde

Antes de explorarmos a importância dos periódicos na disseminação das novas normas de higiene, é fundamental refletir sobre o papel desses veículos como fontes de pesquisa histórica. Os periódicos, ao capturar o contexto social, cultural e

⁶⁹ KORNDÖRFER, 2007, p. 102.

político de suas épocas, oferecem uma rica perspectiva sobre os debates e transformações que moldaram a sociedade. Essa reflexão nos permitirá compreender melhor como as publicações da época contribuíram para disseminação de ideias referentes à higiene e saúde.

A historiadora Tania Regina de Luca, em seu trabalho *História dos, nos e por meio dos periódicos*, conta que até a década de 1970 o uso dos periódicos como fonte era quase inexistente. A resistência dos historiadores, explica Luca, não era escrever a história dos periódicos, mas uma história contada a partir deles. Luca (2014) explica que essa resistência se devia à desconfiança dos historiadores em utilizar periódicos como fontes uma vez que buscavam a imparcialidade nas mesmas. Os jornais e as revistas, longe de serem neutros, refletem a realidade de seu tempo e espaço sob a ótica de seus autores e financiadores, frequentemente guiados pelos interesses de quem escrevia ou para quem o texto era produzido⁷⁰.

Luciene Carla Corrêa Francelino, em seu artigo *A imprensa no processo de medicalização da sociedade*⁷¹, também discute esse tema, ressaltando que "[...] é preciso um olhar criterioso para o que está acontecendo no entorno, ou seja, na sociedade onde a notícia foi produzida, na medida em que o jornal está atrelado a determinado momento histórico".⁷² O primeiro capítulo deste trabalho buscou justamente compor o cenário histórico ao qual nossa principal fonte de pesquisa, a revista *Hygia*, está vinculada.

Para contextualizar o período, consideramos essencial apresentar um breve histórico da imprensa e dos periódicos no Rio Grande do Sul. Essa abordagem é necessária para compreender o cenário em que a revista *Hygia* circulava, permitindo situá-la dentro do contexto da imprensa da época. Além disso, é importante destacar o momento em que a imprensa passa por transformações ligadas à sua forma de produzir, escrever e direcionar os periódicos a outros fins e públicos. Segundo Antonio Hohlfeldt em sua publicação *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e*

⁷⁰ LUCA, 2014, p. 112.

⁷¹ FRANCELINO, Luciene Carla Corrêa. A imprensa no processo de medicalização da sociedade. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 141–151, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/32259>. Acesso em: 23 out. 2024.

⁷² FRANCELINO, 2018, p. 142.

1930⁷³, a imprensa do Rio Grande do Sul atravessa diferentes fases, cada uma marcada por características próprias e distintas.

Pode-se, assim, começar pelo que se poderia chamar de *pré-história* da imprensa sul-rio-grandense a partir de 1827, data em que, graças a um decreto de Dom Pedro I, extinguindo a censura, surgiu boa parte da imprensa das províncias [...]. Essa primeira fase se caracteriza pela efemeridade, pela generalizada falta de qualidade das publicações [admitem-se exceções, é claro], e pela relação de propriedade/editoria de seus responsáveis, ou seja, o *publicista* é o proprietário de um prelo e de uma coleção de tipos e divulga, em última análise, as suas próprias idéias. [...] surgiria, em seguida, uma imprensa revolucionária, compreendendo um período anterior Revolução Farroupilha, entre 1830, mais ou menos, quando se radicalizam os sentimentos revolucionários, e 1845, quando a totalidade dos jornais publicados seguem uma orientação determinada, a favor ou contra os rebeldes; [...].⁷⁴

Nas fases seguintes, observam-se avanços significativos, com destaque para a dependência de recursos financeiros no processo. Sobre esse período, Hohlfeldt (2006) destaca que

[...] terminado o conflito, organiza-se uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que vai de 1850 até 1900, pelo menos, quando os proprietários e editores de periódicos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos existentes, já que, sem tal vínculo, era quase impossível a sobrevivência financeira. [...] quase simultaneamente, estrutura-se uma imprensa literária, que se inicia ao final da década de 1860 e perdurará ao longo do século XIX e princípio do século seguinte [...]. Esse jornalismo vai dar o primeiro salto de qualidade, possibilitando os grandes jornais da época, que terão menor efemeridade que todos os seus antecedentes - é um dos períodos, portanto, que nos interessa, até porque será marcado pelo surgimento de revistas literárias, de publicações de caricatura e de forte crítica social e, enfim, pela imprensa operária; [...].⁷⁵

Não iremos nos aprofundar nas primeiras fases da imprensa no estado, pois nosso foco principal são as condições que caracterizam os periódicos que circulavam durante a década de 1930 e as transformações em relação à saúde pública. Também durante esse período, destaca-se o surgimento da imprensa industrial, que se manterá ativa até o final da década de 1960.

A imprensa industrial se caracteriza “[...] pelo surgimento das revistas para a família e a diversificação das publicações, com a segmentação dirigida às mulheres, aos jovens, às crianças, etc.”.⁷⁶ Contribuindo para a construção da análise desse

⁷³ HOHLFELDT, Antonio. **A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930**. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, PUCRS, dezembro 2006.

⁷⁴ HOHLFELDT, 2006, p. 2-3.

⁷⁵ HOHLFELDT, 2006, p. 3.

⁷⁶ HOHLFELDT, 2006, p. 3.

período, o trabalho *A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)*⁷⁷, do Professor Rodrigo Santos de Oliveira menciona que

Esse período que [...] vai de 1880 a 1930 aproximadamente é a fase da aventura e consolidação industrial. A organização (ou reorganização) empresarial dos jornais, que então se deu, está ligada a um processo de modernização tecnológica e diferenciação funcional. As gráficas dos jornais foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais.⁷⁸

Os jornais de caráter industrial emergiram e se espalharam pelas capitais e principais cidades do Brasil. “Com o novo tipo de imprensa, os jornais apresentavam-se como órgãos imparciais, cujo objetivo era informar a população”.⁷⁹ Por fim, Oliveira (2011) relata que nos anos de 1930, a imprensa brasileira já estava amplamente estruturada, e possuía qualidades técnicas bem avançadas, acompanhando a grande imprensa do mundo ocidental e coexistindo com suas particularidades.

As transformações urbanas e sociais que marcaram o início do século XX foram amplamente investigadas através de diferentes fontes, e a imprensa periódica se destacou como uma forma privilegiada para entender esse cenário de modernização, como ressalta Luca (2014) na seguinte passagem:

As transformações conhecidas por algumas capitais brasileiras nas décadas iniciais do século XX foram, em várias investigações, perscrutadas por intermédio da imprensa [...]. A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas), a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro.⁸⁰

⁷⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a história e a imprensa: breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

⁷⁸ TASCHNER, 1992 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 139.

⁷⁹ OLIVEIRA, 2011, p. 139.

⁸⁰ LUCA, 2014, p. 120.

Os aspectos mencionados pela historiadora evidenciam a diversidade de temas abordados pelos periódicos. A disseminação dos novos hábitos, aspirações e valores, e as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, são especialmente relevantes para o nosso trabalho, pois estão diretamente relacionados a nossa fonte periódica e ao tema da nossa pesquisa.

Luca (2014) fornece uma contextualização sobre a evolução dos periódicos, e aborda de maneira mais específica o desenvolvimento das revistas:

O gênero aos poucos se individualizou em face de outras formas de impressos periódicos. [...] Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variados.⁸¹

Com uma ampla variedade de temas e debates, as revistas se tornaram acessíveis a diferentes tipos de leitores. Mais uma vez notamos que as questões relacionadas à medicina e à higiene aparecem entre os conteúdos abordados nesse tipo de publicação. As características apontadas para a imprensa que circulou nos anos 1930 sugerem que questões de saúde pública e ideias higienistas foram abordadas em jornais e revistas durante o período de circulação da imprensa industrial. Com base nas afirmações feitas por Luca (2014), podemos inferir que esses veículos desempenharam um papel fundamental na divulgação das novas normas de higiene estabelecidas a partir do conhecimento médico e das reformas sanitárias.

Mendes e Nóbrega em *O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira*⁸² apontam que

O conceito de saúde era influenciado pela confiança nos progressos e nas descobertas recentes que deveriam sanar os males e desenvolver o país. O desafio para o sanitarismo não consistia apenas em suprimir as doenças e

⁸¹ LUCA, 2014, p. 121.

⁸² MENDES, Maria Isabel B. de Souza; NÓBREGA, Terezinha P. da. **O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.209-219, jan.-mar. 2008.

diminuir a mortalidade geral, mas também em popularizar noções indispensáveis aos cuidados com a saúde.⁸³

Então sugere-se, segundo as afirmações acima, que a disseminação das noções higiênicas ocorria, principalmente, por meio dos periódicos. Médicos, cientistas e governantes utilizavam esses veículos de comunicação para elucidar as novas normas de higiene e educar a população sobre a prevenção de doenças, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e reduzir os índices de mortalidade.

3.2 A revista

A discussão sobre os periódicos que circularam no Rio Grande do Sul na década de 1930 demonstrou a diversidade de seus usos e finalidades. Podemos destacar, além da revista *Hygia* e entre muitos periódicos que circulavam no período, a revista *Archivos rio-grandense de medicina*, o jornal *Correio do Povo* e o jornal *O Globo*. Entre esses, destacamos a função dos periódicos como veículos para disseminar as novas normas de higiene, com o objetivo de educar a população para uma vida mais saudável. As políticas emergentes de higiene e saúde foram abordadas, partindo de nosso objetivo principal: identificar e analisar as preocupações com a saúde infantil presentes na revista *Hygia* durante a década de 1930, considerando as preocupações governamentais do período com os elevados índices de mortalidade infantil e a saúde das crianças. Para isso, além do levantamento historiográfico apresentado no primeiro capítulo, é fundamental conhecer a fundo nossa fonte, considerando suas características e particularidades.

O periódico *Hygia – Revista Mensal Popular de Medicina e Educação Sanitária*, foi uma revista de medicina que surgiu em maio de 1928, em Porto Alegre, sob a direção do Prof. Dr. Ulysses de Nonohay, do Dr. Renato Barbosa e do Dr. Adhemar Torelly. Segundo o texto do Acervo de Obras Raras do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM)⁸⁴ a revista de cunho médico-científico, tinha “[...] o intuito de servir à educação popular em questões de higiene e saúde, ou seja, de transmitir ao leitor leigo os preceitos básicos de higiene e proteção coletiva

⁸³ MENDES; NÓBREGA, 2008, p. 213-214.

⁸⁴ Acervo Obras Raras [livro eletrônico]: catálogo/ organização Angela Pomatti ... [et al.]. - Porto Alegre, RS: Associação dos Amigos do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: < https://www.muhm.org.br/pdf/cat_obras_raras.pdf > Acesso em 10, out. de 2024.

[...]”.⁸⁵ Isso fica evidente ao investigarmos seus artigos, que são diretos, objetivos e de fácil compreensão para o público leitor.

A revista foi localizada no Acervo de Obras Raras do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM). O catálogo de Obras Raras foi organizado em uma ação conjunta com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório (IFRS – Campus Osório) e financiado com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Este projeto surgiu da necessidade de explorar novos meios de realizar pesquisas, considerando as condições sociais e sanitárias impostas pela pandemia da covid-19. Seu objetivo era disseminar o conhecimento histórico por meio das obras pertencentes ao Museu.⁸⁶

O periódico *Hygia* está catalogado no museu como uma obra rara, devido a critérios como antiguidade, número limitado de exemplares publicados ou que ainda existem, valor histórico, cultural, características físicas como a presença de ilustrações, mapas, selos ou anotações de quem os usou.⁸⁷

O acervo da revista *Hygia* disponível para consulta no catálogo do MUHM é composto por nove edições, todas datadas de 1931. De acordo com o Acervo de Obras Raras (2022),

Os textos abordavam assuntos diversos relativos à higiene e cuidados com saúde, com artigos sobre a transmissão e o tratamento de doenças (especialmente as contagiosas), profilaxia, maternidade, cuidados com o corpo e saúde mental. A diversidade de temas, assim como de anúncios publicitários de medicamentos, podem contribuir para estudos que envolvam a circulação dos saberes médicos, como as formas de recomendações e tratamentos considerados aceitáveis no período.⁸⁸

Inferimos que a revista desempenhou um papel crucial na disseminação das novas ideias de higiene, demonstrando expressiva preocupação com a saúde infantil e a maternidade. Essa preocupação ressalta e evidencia os problemas sociais e sanitários presentes na década de 1930, temas que foram analisados no primeiro capítulo desta pesquisa.

De maneira geral, a revista exhibe uma capa bem elaborada, caracterizada por uma paleta de cores variadas em cada edição e elementos que favorecem uma

⁸⁵ POMATTI et al., 2022, p. 13.

⁸⁶ POMATTI et al., 2022, p. 4.

⁸⁷ POMATTI et al., 2022, p. 6.

⁸⁸ POMATTI et al., 2022, p. 13-14.

leitura clara e fácil. Ao observar a capa, o primeiro elemento que chama a atenção é o nome "Hygia", destacado em uma fonte de tamanho grande no topo da publicação. Logo abaixo, identificamos a imagem de uma mulher com um dragão no colo, um cálice na mão esquerda e um cetro na mão direita. Na parte inferior da imagem, encontramos o local de publicação, "Porto Alegre" e "Rio Grande do Sul". À direita, o número da edição, seguido do mês e do ano de publicação. À esquerda, estão os valores das assinaturas anuais e avulsas. Abaixo dessas informações, destaca-se o tema da revista: 'Revista mensal popular de medicina e educação sanitaria'. Por fim, a capa é finalizada com um sumário detalhado dos textos e seus respectivos autores. Abaixo, apresentamos a imagem da capa da edição número 1-2 da revista Hygia.

FIGURA 1: revista Hygia, capa da Edição nº 1-2



Fonte: MUHM - Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Jan./Fev., ano 4, n. 1-2, 1931.

Na primeira página da revista, encontramos um cabeçalho que apresenta informações gerais. Ao centro, destaca-se o nome da revista, exibido em letras

grandes. À direita, está o ano de publicação da revista, que conta a partir do surgimento. Por exemplo, as edições de 1931 são designadas como ano 'IV'. À esquerda, aparece novamente o número de edição. Logo abaixo, a inscrição 'Revista popular de medicina e educação sanitária' se repete. Em seguida, no centro, encontramos os nomes dos diretores, apresentados pela seguinte inscrição: 'Directores: Prof. Dr. Ulysses de Nonoay, Dr. Renato Barbosa e Dr. Adhemar Torelly. À direita, está a indicação do local de publicação, acompanhada do mês e do ano. Por fim, à esquerda, encontra-se o local da sede, com endereço e número de caixa postal.

A relação do 'Comité de Redacção', que inclui os nomes dos diretores e colaboradores da revista, aparece ora na página seguinte à capa, ora no final da publicação. Os artigos seguem a ordem apresentada no sumário, alternando entre os diversos temas abordados. Em algumas edições, notamos um espaço dedicado a informar os resultados da Loteria do Estado do Rio Grande do Sul, incluindo a data e o horário do sorteio e os valores dos prêmios. Também observamos um espaço destinado a apresentar os preços cobrados pelas edições da revista. Em algumas edições esses valores são apresentados de forma mais detalhada do que em outras. As informações principais incluem o valor da assinatura anual e avulsa, no Brasil e no exterior, além do valor das edições atrasadas. Nesse mesmo espaço também estão disponíveis informações sobre o horário de expediente da revista, o endereço e número de caixa postal.

Ao percorrer as páginas da revista, os variados anúncios e propagandas que estão presentes entre os artigos destacam-se. Ressaltam aos olhos do leitor propagandas de produtos que consumimos hoje, como Nestlé e Ovomaltine. Sobre as propagandas, no espaço delimitado à divulgação dos valores da revista, em algumas edições são também informados os preços de anúncios, conforme mostra a imagem a seguir.

FIGURA 2: Preços dos anúncios na revista Hygia, edição nº 1-2

HYGIA

Preços de annuncios

1 Pagina	150\$000
1/2 "	80\$000
1/4 "	50\$000
1/6 "	30\$000
Pequenos annuncios (3x7 cms.)	15\$000
Capa: Exterior (2 côres)	250\$000
" Interior	200\$000
3 publicações	10% de desconto
6 "	15% " "
12 "	20% " "

Contractos de mais de 12 publicações, preços a estipular.

Assignaturas (12 numeros)

BRASIL . 20\$000 — EXTERIOR 30\$000

Numero avulso 2\$000 — Atrazado 5\$000

A gerencia de HYGIA aceita representação de quaesquer preparados e artigos proprios á classe medica, com a qual se encontra em contacto permanente, encarregando-se, tambem, de propagandas e distribuição de amostras junto á mesma.

Nenhum valor têm as autorisações para angariadores de annuncios e assignaturas que não estejam revalidadas pela gerencia.

Toda a correspondencia, seja referente a annuncios, como a collaboração deve ser enviada directamente á gerencia.

RUA DOS ANDRADAS N.º 709

Caixa Postal, 261 — Porto Alegre

Avisamos aos nossos distinctos assignantes e amigos, que mudamos o nosso escriptorio para a Rua dos Andradas n.º 709, onde continuaremos a attendel-os com o maximo prazer.

De accordo com um contracto firmado entre esta Revista e o Snr. João Ferreira dos Santos Jor., ficou tendo este senhor poderes bastantes para representar-nos na Capital da Republica. Esperamos que ao nosso representante seja dispensado o mesmo apoio com que até agora nos honraram os nossos amigos daquela cidade.

Assim, qualquer assumpto com relação a "HYGIA" pode ser resolvido pelo Snr. João Ferreira dos Santos Jor., que se acha no dispôr de nossos clientes á Rua do Mercado, 22, 3. andar, sala 2, Rio de Janeiro.

A serviços de "HYGIA", e em propaganda dos preparados da Casa Francisco Giffoni & Cia., do Rio, seguiu para o interior do Estado o nosso gerente, Snr. Mario Rey Gil.

Durante a sua ausencia responderá por todos os assumptos que respeitam a esta Revista o Snr. Albino Pasquali.

Fonte: MUHM - Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Jan./Fev., ano 4, n. 1-2, 1931, p. 24.

Na imagem, constam os preços para anúncios de página inteira, meia página, um quarto de página e um quinto de página ou ainda para anúncios pequenos. Há também a possibilidade de anúncios aparecerem na capa exterior e interior. Os valores variavam entre 250 mil réis e 30 mil réis, a moeda do período. Havia ainda a possibilidade de pacotes com determinado número de publicações ou para assinatura anual da revista.

É importante discutirmos sobre as propagandas, já que mencionamos brevemente a importância dos recursos financeiros para a sobrevivência dos periódicos. Hohlfeldt (2006) destaca que, durante o período da imprensa partidária, de 1850 a 1900, os proprietários e editores dos periódicos alinhavam-se a partidos políticos, e esse vínculo era essencial para garantir a sobrevivência financeira desses estabelecimentos.⁸⁹ No entanto, com o surgimento da imprensa industrial, a relação entre os periódicos e os partidos políticos tornou-se menos intensa. Assim, a obtenção de recursos passou a exigir uma nova estratégia. Podemos inferir que uma das soluções adotadas foi a captação de recursos por meio da veiculação de anúncios publicitários de produtos e medicamentos.

Nas páginas da revista *Hygia* encontramos anúncios de produtos variados e em grande número. Os anúncios referem-se a gêneros alimentícios, produtos de higiene, medicamentos e também fazem a propaganda de consultórios médicos e farmácias. Observamos que, em alguns casos, o produto anunciado se relaciona com o conteúdo do artigo, evidenciando a intenção da propaganda. Com base nessa constatação, buscamos fontes que discutem o uso das propagandas para além do seu fim de divulgação.

Recorreremos novamente a obra da Tania Regina de Luca, *História dos, nos e por meio dos periódicos*, onde a autora afirma que

A publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos. [...] A voracidade dos cartazes e reclamas⁹⁰ parecia insaciável, e eles se faziam presentes nos mais diferentes espaços: muros, bondes, casas de espetáculos, restaurantes, almanaques, jornais e revistas.⁹¹

Evidencia-se, então, que a publicidade estava presente no dia a dia da sociedade e fazia parte do cotidiano e do ambiente das cidades. Nesse contexto, Maria Helena Steffens de Castro em *Caminhos cruzados entre a propaganda e a saúde em 1930*⁹², conta que

⁸⁹ HOHLFELDT, 2006, p. 3.

⁹⁰ Segundo a autora Maria Helena Steffens de Castro em seu trabalho *Caminhos cruzados entre a propaganda e a saúde em 1930*, “a palavra reclame, atualmente em desuso, designava qualquer tipo de propaganda comercial, como anúncios, cartazes, prospectos, jingles entre outros. Eram feitos em preto e branco com o uso de desenhos, uma chamada e um texto, que costumava ser longo, complexo e repetitivo”.

⁹¹ LUCA, 2014, p. 123.

⁹² CASTRO, Maria Helena Steffens de. **Caminhos cruzados entre a propaganda e a saúde em 1930**. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, v. VIII, n. 3, p. 203-211, set./dez. Unisinos, 2006.

Nos anos 1930, a indústria farmacêutica não tinha ainda estabelecido regras rígidas para o desenvolvimento de campanhas publicitárias e ações de marketing, optando por um regramento mais brando e no bom estilo conciliador, unindo a avidez da propaganda comercial com o bem-estar da saúde da população. [...] algumas vezes se informava sobre o uso terapêutico dos medicamentos, e concentravam-se esforços em ações de formação e educação dos leitores na prevenção de doenças.⁹³

Isso reforça, em certa medida, nosso questionamento em relação aos anúncios que encontramos na revista Hygia, que correlacionados com os artigos procuravam instruir a sociedade. Arminda Nela Martins Lopes Fernandes, junto a seus coautores, Bernardo Jefferson de Oliveira e Rita Cássia Marques, nos recordam em *A educação da saúde da mulher-mãe e da criança na revista Eu sei tudo nas primeiras décadas do século XX (1910-1930)*⁹⁴ a importância da imprensa como um viés de investigação do passado. A imprensa registra, comenta e participa da história. Desta forma, o periódico Hygia nos lembra dos problemas sociais que acometiam sua época e seus artigos sugerem que os novos hábitos estavam sendo divulgados. De acordo com Fernandes, Oliveira e Marques (2009),

A crença na missão ‘civilizadora’ dos médicos levou-os a enfatizar ações que tinham como fim a reorganização da sociedade, visando produzir indivíduos saudáveis no corpo e no espírito e que seriam participantes ativos das transformações não apenas em suas vidas particulares, mas nas transformações que dariam um novo destino ao país. Na perspectiva de atingir esse objetivo, discursos reformistas em direção às principais instituições foram elaborados, com o intuito de modificar hábitos, vícios e erros tomados como principais deficiências na formação do povo brasileiro.⁹⁵

As revistas e os periódicos eram locais em que as normas e opiniões podiam ser expressadas e endereçadas a toda população. Por esse motivo, muitos textos foram escritos com caráter normativo, de forma objetiva e direta, como consideramos serem os textos da revista Hygia. Essa característica de transmissão de informações, sugere que ela possa ser uma continuidade dos manuais de medicina do século XIX, cuja finalidade era informar e trazer certa notoriedade para

⁹³ CASTRO, 2006. p. 205-206.

⁹⁴ FERNANDES, Arminda Nela Martins Lopes; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de; MARQUES, Rita Cássia. **A educação da saúde da mulher-mãe e da criança na revista Eu Sei Tudo nas primeiras décadas do século XX (1910-1930).** Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/268439185_A_EDUCACAO_DA_SAUDE_DA_MULHER-MAE_E_DA_CRIANCA_NA_REVISTA_EU_SEI_TUDO_NAS_PRIMEIRAS_DECADAS_DO_SECULO_XX_1910-1930> Acesso em 10, nov., 2014.

⁹⁵ FERNANDES; OLIVEIRA; MARQUES, p. 05.

seus autores.⁹⁶ Torna-se importante refletir sobre quem escrevia na revista *Hygia* e qual era a sua influência no período.

3.3 Os colaboradores da revista *Hygia*

No comando da revista estavam os diretores Prof. Dr. Ulysses de Nonohay, Dr. Renato Barbosa e Dr. Adhemar Torelly. Ulysses de Nonohay, filho de João Pereira de Almeida (Barão de Nonohay) e Amélia Martins Pereira de Almeida, nasceu em 9 de julho de 1882 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Formou-se em Medicina Pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1906, e especializou-se em Clínica Médica, Dermatológica e Sifiligráfica. Dentre muitos cargos em que atuou, o Dr. Ulysses de Nonohay foi Diretor da Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (RS); Diretor do Posto Experimental do Ministério da Agricultura em Porto Alegre (RS); Chefe do Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas do DNSP; Diretor de Enfermarias das Santas Casas de Porto Alegre e Uruguaiana; redator da revista “Rio Grande Médico”, da “Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina” e das revistas de educação sanitária “Hígia” [*Hygia*] e “Cruzada Brasileira”. Em 1926 inaugurou o IX Congresso Médico Brasileiro em Porto Alegre, em que palestrou sobre a Tuberculose sob seus aspectos humanos, biológico, social e médico.⁹⁷ Ulysses de Nonohay atuou predominantemente na área médica, mas também ocupou cargos políticos, contribuindo para a disseminação de suas pesquisas na medicina. Ulysses faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1959, aos 77 anos.

Renato Rodrigues Barbosa, nasceu no dia 1º de março de 1886, em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, era filho de João Rodrigues Barbosa e Arminda Condessa Barbosa. Ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e já em 1908 se atrelou às vertentes políticas, participando da fundação do Partido Republicano Democrático (PRD), que se opunha ao partido predominante no estado gaúcho, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Renato Barbosa concluiu a faculdade de medicina em 1912 e seguiu seus estudos de especialização em Paris, na França. Em 1918 participou da missão médica brasileira, também na França, e foi condecorado por seus atos. Em 1920 tornou-se professor da Faculdade de Medicina

⁹⁶ POMATTI et al., 2022, p. 13.

⁹⁷ FRANCO; RAMOS, 2018, p. 544.

de Porto Alegre. Novamente ligado à política, em 1924, Renato Rodrigues participou do Congresso de Fundação da Aliança Libertadora do Rio Grande do Sul. Em 1932, participou da criação do Partido Republicano Liberal (PRL) e em 1933 se elegeu deputado da Assembleia Nacional Constituinte pelo PRL. Em 1938, tornou-se conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE). Além dos cargos citados, foi organizador do IX Congresso Médico Brasileiro, realizado no Rio Grande do Sul, foi vice-presidente do I Congresso de Higiene Municipal e diretor da revista *Hygia*.⁹⁸ Ao contrário do Dr. Ulysses de Nonohay, o Dr. Renato Barbosa dedicou-se intensamente à carreira política, utilizando, em algumas ocasiões, seus conhecimentos médicos.

Sobre o Dr. Adhemar Torelly as informações são ainda mais escassas, mas sabemos que era filho de Fermino da Silva Torelly e Albertina de Souza Pinto e que se formou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1916. Também foi Capitão Médico da Brigada Militar.⁹⁹

Os nomes de Ulysses de Nonohay e Renato Barbosa aparecem como autores de vários artigos nas edições que analisamos, demonstrando sua participação ativa na construção da revista *Hygia*. Já o nome de Adhemar Torelly aparece apenas na inscrição de diretor. Durante nossa análise, também identificamos o nome de três mulheres entre os autores. Tal descoberta despertou o interesse em investigar quem eram essas mulheres em meio a tantos homens e quais eram os temas abordados em seus artigos. Para o fácil entendimento do leitor, elaboramos uma tabela com o nome das autoras e seus respectivos artigos.

TABELA 4: Os artigos escritos por mulheres na revista *Hygia*

<i>Autor</i>	<i>Artigo</i>	<i>Nº da Edição</i>
<i>Sylvia Serafim</i>	Maternidade consciente	Nº 1-2
<i>Dr^a. Aurora Nunes Wagner</i>	Hygiene e Prophylaxia dentaria na gravidez	Nº 7-8
<i>Bertha Kókot</i>	Minha boa Olguinha (conto)	Nº 7-8
<i>Prof^a. Jenny Avila</i>	A Escola	Nº 10-11

⁹⁸ FGV CPDOC, 2009. Disponível em: < <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/renato-rodrigues-barbosa> > Acesso em: 15, nov., 2024.

⁹⁹ FRANCO; RAMOS, 2018, p. 574.

Fonte: elaborado pela Autora (2024).

Entre as autoras citadas, Sylvia Serafim era jornalista e escritora no Rio de Janeiro. A Dr^a. Aurora Nunes Wagner, natural do Rio Grande do Sul, era formada em Odontologia na Faculdade de Medicina e, entre outros feitos, fundou a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.¹⁰⁰ No que se refere Bertha Kókot e a Prof^a. Jenny Avila não encontramos informações sobre vida profissional. É importante observar que, entre os temas abordados pelas autoras, quase todos tratam de assuntos femininos. Embora isso seja positivo, observa-se que, na revista *Hygia*, a maioria dos artigos relacionados à saúde da mulher são escritos por homens. Isso acontece, segundo Sergio Schargel em seu trabalho *De autora a personagem: a literatura de e sobre Sylvia Serafim*¹⁰¹, porque

no século XIX e início do século XX, por exemplo, há um fenômeno curioso: as mulheres constituem o maior público leitor, mas isso não se reflete na produção escrita feminina. [...] Não apenas as mulheres precisavam da permissão de seus maridos para publicarem, mas o próprio pensamento e as estruturas conservadoras desencorajavam a literatura feminina. Mesmo sendo o maior público leitor, persistia o mito de que as mulheres não eram capazes de produzir literatura — e aquelas que o faziam, como Jane Austen, eram desviantes em sua essência.¹⁰²

Podemos inferir, ainda, que o reduzido número de mulheres que publicavam na revista estava relacionado ao fato de ela ser destinada a médicos e especialistas. No período, o número de mulheres formadas em medicina no Estado ainda era pouco expressivo, o que limitava sua participação nesse tipo de publicação.

Nesse sentido, o trabalho *A presença feminina no campo da saúde do Rio Grande do Sul nos anos 1930: o caso da revista médica "Hygia"*, de autoria da aluna Maria Virginia Souza Guimarães e dos professores Marcelo Vianna e Angela Beatriz Pomatti, vem ao encontro desse problema ao debater a presença de mulheres em espaços intelectuais de medicina e saúde no século XX.

Em suas discussões, Guimarães, Vianna e Pomatti (2021) destacam que no início do século XX, se observa uma

[...] reação de mulheres com o objetivo de resgatar e manifestar sua presença no passado e presente, buscando afirmar seu protagonismo e

¹⁰⁰ GUIMARÃES; VIANNA; POMATTI, 2021, p. 92-93.

¹⁰¹ SCHARGEL, Sergio. *De autora a personagem: a literatura de e sobre Sylvia Serafim*. Cadernos Pagu, n. 71, 2024.

¹⁰² SCHARGEL, 2024, p. 05.

ressaltar aquelas que se destacaram em seus meios, sendo eles artístico, científico, acadêmico, político, entre outros.¹⁰³

A fonte do estudo foi a revista *Hygia*, que também serve como base para nossa pesquisa. O trabalho mapeou a presença feminina na revista e buscou compreender o que elas escreveram, além de catalogar os temas voltados para questões femininas abordados por autores homens. Podemos afirmar que isso se assemelha ao que estamos buscando neste capítulo. Por fim, os autores concluem que, no contexto a que se refere este estudo, ou seja, a década de 1930, existiam limitações para o desenvolvimento profissional e intelectual das mulheres. Apesar disso, pode-se evidenciar “a participação feminina em um periódico que apresentava relativa importância para afirmação da profissão médica no Rio Grande do Sul. Por fim, isso indica um espaço de luta e afirmação das mulheres no campo da Medicina e Saúde”¹⁰⁴.

A revista *Hygia*, além de ser nossa principal fonte para o estudo da saúde infantil, oferece diversas possibilidades de análise. Trata-se de uma fonte recentemente catalogada, com poucas pesquisas realizadas a partir dela. Destacam-se o trabalho *A presença feminina no campo da saúde do Rio Grande do Sul nos anos 1930: o caso da revista médica “Hygia”*, a dissertação de Bruno Chepp da Rosa, intitulada *Horrendo Flagelo: A tuberculose, o enfermo tuberculoso e uma imprensa médica gaúcha*, e este estudo em construção. Ressaltamos a relevância do trabalho de catalogação do MUHM para pesquisadores e o público em geral.

Após explorar o contexto dos periódicos no Rio Grande do Sul na década de 1930 e apresentar as características da revista *Hygia*, o próximo passo será identificar os textos que abordam a saúde infantil e analisá-los à luz da historiografia discutida no primeiro capítulo.

4 INFÂNCIA NA REVISTA HYGIA

Analisamos os problemas de saúde e higiene que acometiam o Brasil e o Rio Grande do Sul na década de 1930 e apresentamos a revista *Hygia* no primeiro e segundo capítulo deste trabalho, respectivamente. Destacamos que as novas normas estabelecidas para reduzir os problemas sanitários e higiênicos que

¹⁰³ GUIMARÃES; VIANNA; POMATTI, 2021, p. 87.

¹⁰⁴ GUIMARÃES; VIANNA; POMATTI, 2021, p. 93.

acometiam os estados foram veiculadas em periódicos e transmitidas à sociedade como manuais de higiene. A *Hygia*, revista mensal popular médica de educação sanitária, se destaca nesse papel. E seus artigos, claros e objetivos, buscavam instruir a sociedade sobre diversos assuntos ligados à saúde e higiene. Destacamos uma ampla preocupação da revista em publicar artigos que se referem à saúde infantil, o que nos levou ao problema desta pesquisa.

O terceiro e último capítulo deste trabalho tem como objetivo central destacar e analisar as publicações da revista *Hygia* que abordam os cuidados com a saúde infantil. Faremos uma análise detalhada das preocupações e propostas levantadas pelo periódico, explorando como essas e questões eram tratadas na época. A partir dessa análise, estabeleceremos um comparativo entre as preocupações médicas e governamentais relacionadas à saúde das crianças e as abordagens publicadas na revista.

4.1 Problemas e perspectivas médicas e sociais refletidos nas publicações sobre saúde infantil

Para a construção do Capítulo III, foi fundamental elaborar uma tabela com os artigos que abordam o tema da saúde infantil ou que possuem alguma correlação com ele. A tabela abaixo apresenta o título do artigo, o tema abordado, o número da edição e a autoria.

TABELA 5: Os artigos da revista *Hygia* que fazem referência a saúde infantil e seus desdobramentos*

TÍTULO DA REPORTAGEM	Nº DA EDIÇÃO	ASSUNTO	AUTOR
<i>Hygia</i>	Ed . 1-2	Aborda o retorno das publicações da Revista.	-
<i>A posse do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspectoria de Hygiene Infantil</i>	Ed . 1-2	Aborda a posse do Professor Olyntho de Oliveira na Inspectoria de Hygiene Infantil.	Olyntho de Oliveira
<i>Maternidade Consciente</i>	Ed . 1-2	Aborda sobre a maternidade consciente.	Sylvia Serafim
<i>A Saúde Publica na Republica Nova (Nota fornecida á imprensa pelo Dr. Belisario Penna)</i>	Ed . 1-2	Aborda as questões urgentes que precisam passar pelo Departamento Nacional de Saúde Pública.	
<i>Casos e Cousas</i>	Ed	Aborda sobre as Vitaminas e a	Ulysses de

Medicas	. 3	importância para a saúde.	Nonohay
O Beijo nas Crianças	Ed . 3	Aborda sobre o perigo do beijo nas crianças.	Prof. Florencio Ygartúa
A Gravidez e seus cuidados	Ed . 4	Aborda sobre a tuberculose, suas formas de contágio e a preocupação da criança morando com um tuberculoso, bem como se contrai a tuberculose na escola e quais medidas se deve tomar para evitar o contágio.	Dr. Mario Totta
A tuberculose na infância	Ed . 4	Aborda sobre a tuberculose na infância e a formas de contágio.	Dr. Carlos Bento
Conselhos uteis aos paes	Ed . 4	Aborda sobre conselhos e conhecimento de Higiene sexual a pais e filhos.	Dr. Frederico Rossiter
Hygiene do Recem-nascido	Ed . 4	Aborda sobre a higiene do recém-nascido e sobre os parâmetros que indicam a normalidade.	Prof. Dr. Florencio Ygartúa
Prophilaxia da Tuberculose no Lar e na Escola	Ed . 6	Aborda o assunto da conferência proferida pelo Dr. Renato Barbosa na Escola Normal que trata sobre a tuberculose pulmonar, sua forma de contágio, sobre as condições da criança que mora com um tuberculoso, a origem da tuberculose escolar e os cuidados que devem ser colocados em prática nesse meio.	Dr. Renato Barbosa
As crianças e o sol	Ed . 6	Aborda a importância do sol para as crianças.	Dr. Raul Moreira
O que as mães devem saber	Ed . 7-8	É um manual para as mães sobre as preocupações e os cuidados que devem ter com as crianças.	Dr. Florencio Ygartúa
Alimentação da criança no primeiro anno de vida	Ed . 7-8	Enumera como deve ser a alimentação da criança no primeiro ano de vida.	Dr. Carlos Hofmeister
Gymnasio Estadoal Sévigné	Ed . 9	Aborda sobre uma inspeção médico escolar.	Dr. Renato Barbosa
O calor e as perturbações digestivas e nutritivas da criança	Ed . 9	Aborda sobre os malefícios que o calor traz às crianças e dá conselhos as mães.	Prof. Dr. Florencio Ygartúa
O filho do alcoolista	Ed . 9	Através de uma conferência aborda sobre as consequências do uso do álcool pelos pais aos seus filhos.	Dr. Raul Moreira
A semana anti-alcoolica	Ed . 10-11	Aborda sobre os problemas relativos ao alcoolismo.	
A semana anti-alcoolica	Ed . 12	Aborda sobre os índices de mortalidade infantil em Porto Alegre e como o alcoolismo acomete a infância.	Prof. Dr. Florencio Ygartúa

Fonte: elaborado pela Autora (2024).

*Mantemos a grafia igual a encontrada na revista Hygia.

Dos 9 exemplares da revista disponíveis para consulta, selecionamos 19 artigos que fazem referência à saúde infantil. Dentre esses, 12 tratam diretamente do tema, abordando os problemas que acometiam as crianças ou normatizando processos de higiene desse grupo, 4 focam no tema da maternidade, um assunto

intrinsecamente relacionado com a saúde infantil e 3 fazem referência a assuntos institucionais ligados à infância.

Para dialogar com a discussão historiográfica deste trabalho, agrupamos os artigos escolhidos em subgrupos, organizados de acordo com a aproximação dos temas abordados. A escolha dos artigos se justifica pela sua conexão com os problemas sociais e higiênicos identificados no primeiro capítulo, permitindo-nos dialogar tanto com essas questões quanto com a educação sanitária que a revista promovia em relação a esses problemas. Para uma apreensão precisa dos trechos e títulos da revista, utilizaremos a mesma grafia presente nos artigos.

4. 2 As questões institucionais e os desafios relacionados à infância

A primeira análise será voltada para discutir as questões institucionais relacionadas à saúde infantil, em diálogo com as preocupações governamentais sobre o tema. O primeiro artigo selecionado integra à edição nº 1-2 e é intitulado A posse do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspectoria de Hygiene Infantil. O artigo relata o discurso de posse do Professor Olyntho de Oliveira para o cargo de Inspectoria de Hygiene Infantil. Olympio Olinto de Oliveira nasceu em Porto Alegre, em 1886, e graduou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina em 1887. Em 1892, junto com um grupo de médicos experientes, fundou a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, onde atuou como secretário e, posteriormente, como presidente. Olyntho dedicou-se especialmente à formação de pediatras e à implementação de políticas públicas de proteção da criança. Em 1918 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se envolveu intensamente em atividades em prol da infância. Em 1928, assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Pediatria. Durante o governo Vargas, ocupou cargos de destaque na administração pública. Foi chefe da Inspetoria de Higiene Infantil, como relata o artigo em discussão, e presidiu a Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância em 1933. Em 1940, criou e dirigiu o Departamento Nacional da Criança e se consolidou como um dos grandes defensores da saúde infantil no Brasil.¹⁰⁵

Com uma importante trajetória na medicina pediátrica e como grande defensor da saúde das crianças, Olyntho relata que

¹⁰⁵ Academia Nacional de Medicina, 2024. Disponível em: <<https://www.anm.org.br/olympio-olinto-de-oliveira/>> Acesso em: 16, nov., 2024.

Quer no pessoal do Departamento, quer fóra delle, terieis encontrado facilmente as energias moças e as competencias comprovadas indispensaveis para o melhor andamento dos sérios encargos da Inspectoria de Hygiene Infantil. O vosso gesto, indicando-me para este posto, tem porém uma significação especial, que não quero deixar de pôr agora em evidencia, e que é a sua unica justificação. Elle significa que através do vosso critério, o governo provisório, compreendendo a importância transcendente da proteção á infancia no Brasil, preferiu entregal-a, não a uma competencia, que certamente não bastaria, mas a uma fé.¹⁰⁶

A fé, a que o professor Olyntho se refere, é o ato de acreditar como um fanático no que se diz e nas ações com relação as crianças. E assim ele se coloca como um crente fanático.

Meus senhores. A' falta de outros meritos, eu sou este homem de fé e este fanatico, convencido de que nenhum problema em nossa terra sobrepuja o que tem por alvo a conservação da vida, o aperfeiçoamento physio, o beneficio integral da criança. Essas, que nos rodeiam hoje, vão ser dentro de 20 anos a população do paiz, as suas forças vivas,a nacionalidade brasileira.¹⁰⁷

Com essa abordagem, verificamos o discurso populista e higienista do Governo Provisório, que buscava controlar os problemas de saúde e revitalizar as cidades, enfrentando questões de insalubridade e condições precárias de moradia. O trabalho de Cristina Fonseca (2005), apresentado no primeiro capítulo, discute precisamente a figura da criança como símbolo da nova nação desejada pelo governo. As crianças eram vistas como os futuros trabalhadores, médicos, professores e políticos, responsáveis por impulsionar o crescimento econômico e sustentar o progresso do país. Embora o discurso fosse bonito, objetivo e resplandecesse esperança, a realidade era alarmante. Os índices de mortalidade cresciam, os problemas sociais se agravavam, e embora as soluções parecessem promissoras, exigiam medidas drásticas e imediatas. O discurso se completa com a afirmação de que a caminhada seria árdua e difícil, e destaca que uma só geração não seria capaz de cumprir com os objetivos.

Durante o discurso, Olyntho de Oliveira cita a obra de Fernandes Figueira¹⁰⁸, que imaginamos ser o livro Elementos da Semiologia Infantil, publicado em 1900 e

¹⁰⁶ POSSE do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspectoria de Hygiene Infantil. **Revista Hygia**, Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 06, jan./fev. 1931.

¹⁰⁷ POSSE do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspectoria de Hygiene Infantil. **Revista Hygia**, Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 06, jan./fev. 1931.

¹⁰⁸ Antônio Fernandes Figueira, é considerado um dos principais nomes da primeira geração de pediatras. Foi o fundador da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1909, e organizou em 1923 a

que teve grandiosa repercussão, como uma importante fonte que precisa ser revisitada e desta forma, Oliveira afirma:

Apoiada na hygiene e na eugenia, ella continuará a appellar principalmente para a educação e assistencia sanitaria, com uma activa e incessante propaganda do valor da saude da mãe e da criança e dos meios de conserval-a e aperfeiçoal-a; e o ensino da puericultura intensificado até á saciedade, na familia, na escola, nos agrupamentos, na imprensa, em toda a parte.¹⁰⁹

Salienta novamente a importância da educação e do cuidado materno, para assim educar e proteger as crianças e conclui o discurso dizendo que “O lema do Brasil novo é trabalhar, não simplesmente para cumprir um dever banal, mas para dar cada um á reconstrucção da patria o melhor do seu esforço e do seu coração”.¹¹⁰

É importante ressaltar que foi por meio desse artigo, e do discurso proferido pelo Professor Olyntho de Oliveira durante sua posse como chefe de Inspetoria de Higiene Infantil, que podemos vislumbrar a forma como o Estado enxergava as crianças. A partir disso, nos propusemos a investigar esse pensamento e quais eram os problemas que acometiam a infância.

Desta forma, o artigo *A Saúde Publica na Republica Nova* da edição nº 1-2, que apresenta uma nota, fornecida à imprensa pelo Dr. Belisario Penna¹¹¹, um

Inspetoria de Higiene Infantil (IHI), além de ter sido um grande defensor da higiene infantil. A alimentação infantil foi um dos principais aspectos de intervenção de Fernandes Figueira e da escola de pediatria que irá se criar ao redor dele. SANGLARD, Gisele; COSATI, Letícia Conde Moraes. **Fernandes Figueira e a higiene infantil no Rio de Janeiro, 1880-1930**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos | v.31, e2024002, 2024.

¹⁰⁹ POSSE do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspetoria de Hygiene Infantil. **Revista Hygia**, Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 07, jan./fev. 1931.

¹¹⁰ POSSE do Prof. Olyntho de Oliveira na Inspetoria de Hygiene Infantil. **Revista Hygia**, Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 07, jan./fev. 1931.

¹¹¹ Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939) nasceu Minas Gerais. Em 1886, entrou para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e concluiu o curso na Faculdade de Medicina da Bahia. Belisário Penna trabalhou como médico da Colônia Rodrigo Silva, em Barbacena, Minas Gerais e trabalhou como médico da Hospedaria de Imigrantes em Juiz de Fora. Em 1904 foi aprovado em concurso para inspetor sanitário no Rio de Janeiro. Já em 1905, foi transferido para o Serviço de Profilaxia da Febre Amarela. Em 1912, participou juntamente com Arthur Neiva da expedição do Instituto Oswaldo Cruz que percorreu o norte da Bahia, o sudeste de Pernambuco, o sul do Piauí e o nordeste de Goiás. No ano seguinte, Belisário Penna percorreu o Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul por conta própria. Em 1916, Penna instalou o primeiro posto de profilaxia rural do país no Rio de Janeiro. Em 1920, foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) onde Belisário Penna instalou os serviços de profilaxia rural em 15 estados durante a sua gestão. Exonerou-se do Departamento em 1922. No Rio Grande do Sul, Penna trabalhou na organização do serviço de higiene a pedido do Presidente do Estado, Getúlio Vargas. Penna vai ser uma figura engajada na revolução de 1930, e em 1933 assumiu o Ministério da Educação e Saúde Pública. KORNDÖRFER, Ana Paula. "An international problem of serious proportions" : a cooperação entre a Fundação Rockefeller e o governo do estado do Rio Grande do Sul no combate à ancilostomíase e seus desdobramentos (1919-1929). 2013. 303 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

protagonista da história da saúde pública no Brasil, dialoga diretamente com os problemas enfrentados pela nova República. Seu discurso é breve e incisivo e aponta as mudanças urgentes que o Departamento Nacional de Saúde Pública precisava resolver. Dentre as pautas citadas, estão algumas relacionadas aos gastos financeiros, e em seguida passam a fazer referência as questões de saúde pública.

A febre amarela é citada em primeiro lugar, e o discurso discorre em relação à erradicação da doença em todo o Brasil, assim como já havia acontecido no sul do país. A declaração segue com a seguinte afirmação: “Lepra – É’ este o mais grave problema sanitario do Brasil, que precisa ser resolutamente encarado. Há vastas regiões do país, onde esta doença constitue verdadeira calamidade publica”.¹¹² O Dr. Belisario Penna ressalta ainda a preocupação em cooperar com as autoridades militares na profilaxia das epidemias que poderiam acometer os quartéis.

O médico, observa, ainda, que há outros problemas menos urgentes e que vão sendo resolvidos de forma gradativa. O que nos chama atenção é a seguinte passagem:

[...] instalação de centros de saúde, onde se possam agrupar diversas actividades sanitarias sob segura orientação tecnica; maxima amplitude e eficiencia do serviço de propaganda e educação sanitaria, maximo desenvolvimento possivel dos serviços de proteção á mulher e de puericultura pre e post-natal.¹¹³

Este trecho remete ao que trabalhamos em grande medida no segundo capítulo deste trabalho: a importância das propagandas para disseminar a educação sanitária que se buscava alcançar. A própria publicação dessa nota é uma propaganda do Departamento Nacional de Saúde Pública da época, que informa e trabalha para reverter os prognósticos negativos. Por fim, a ideia de puericultura foi muito difundida na época, por consistir nos cuidados básicos, e, como afirma Marinho (2020), o cuidado da puericultura era uma prevenção à contaminação das doenças, indicando sua importância para a saúde da população.

A publicação de textos na revista *Hygia* por figuras importantes do cenário da saúde nacional, como Belisário Penna e Olyntho de Oliveira, reforça a relevância

¹¹² SERAFIM, Sylvia. Maternidade Consciente. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 10, jan./fev. 1931.

¹¹³ SERAFIM, Sylvia. Maternidade Consciente. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 1-2, p. 10, jan./fev. 1931.

das discussões promovidas pela revista e reflete as preocupações do Estado com a saúde pública e os problemas que acometiam a sociedade. Em especial, esses textos destacam a saúde infantil como prioridade das políticas sanitárias da época.

4.3 Os cuidados com a saúde da infância

A puericultura consistiu num importante meio de proteção à saúde das crianças, contribuindo para a redução dos índices de mortalidade infantil. Para disseminar as ideias sobre cuidados e higiene, a revista *Hygia* publicou diversos artigos voltados à saúde das crianças. Iremos analisar os artigos selecionados para esse debate.

O primeiro artigo escolhido compõe a edição nº 4 e se intitula *Hygiene do Recem-nascido* e sua autoria é do Professor Dr. Florencio Ygartua¹¹⁴. O artigo descreve os parâmetros ideais para um recém-nascido, abordando aspectos como peso, higiene e alimentação. A frase inicial define o conceito de recém-nascido: “DENOMINA-SE recém-nascido a criança desde o seu nascimento até seus vinte primeiros dias de vida, período este em que se observa a queda do cordão umbelical e sua consecutiva epidermisação”.¹¹⁵ A partir dessa delimitação etária, o artigo traz orientações importantes para proteger a vida dos recém-nascidos.

As orientações começam pelo padrão de peso no momento do nascimento, que varia entre 3,250 kg e 3,500kg, e de tamanho, medindo em torno de 50 cm. O texto ainda explica que, geralmente, os meninos nascem com peso e medida superiores ao das meninas. Em seguida, aborda a temperatura corporal, que costuma se manter em 37°C, e a questão da respiração, explicando que “[...] ao nascer a criança faz uma inspiração profunda, dá seu primeiro grito e entre inspirações e gritos, estabelece-se a respiração normal”.¹¹⁶ O artigo prossegue com observações sobre a circulação, a urina e as fezes, destacando o que é considerado

¹¹⁴ Florêncio Ygartua Filho (1892-1941), natural de Montevideu, Uruguai, era brasileiro naturalizado. Em 1911 diplomou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina e Pharmacia de Porto Alegre e anos mais tarde, ingressou na Faculdade de Medicina e se diplomou-se médico em 1923. Em 1925, se tornou docente da Cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. FLORENCIO Ygartua Filho (1892-1941). MUHM, 2021. Disponível em: <<https://www.muhm.org.br/noticia?name=florencio-ygartua-filho-%281892-1941%29>>. Acesso em: 21, nov. de 2024.

¹¹⁵ YGARTUA, Florencio. *Hygiene do recém-nascido*. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 25, abr. 1931.

¹¹⁶ YGARTUA, Florencio. *Hygiene do recém-nascido*. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 25, abr. 1931.

normal nos primeiros dias de vida. Após isso, o texto informa sobre como deve ocorrer a higiene da boca:

Nascido o bebê, devemos extrahir com o dedo, enrolado n'uma gaze, as mucosidades que, geralmente, tem na sua boquinha, porque estas difficultarão a respiração e, considerando que nas primeiras inspirações profundas, pódem, muito bem, ir aos bronchios e produzir, ás vezes, até a asphyxia do recém-nascido.¹¹⁷

O trecho acima, além de informar, também instrui sobre a prática, reforçando a disseminação das normas de higiene. Em seguida, o texto detalha os cuidados necessários com o cordão umbilical, explicando o processo correto de higienização e alertando sobre os riscos de infecções que podem surgir. Da mesma forma, orienta sobre a higiene dos olhos, do nariz e dos ouvidos, sempre enfatizando as doenças que podem acometer o recém-nascido caso esses cuidados não sejam devidamente seguidos.

Com abordagem informativa, o texto faz referência ao banho, à habitação, à cama e às roupas do bebê. Em relação ao banho, o texto descreve instruções de cuidado e observação.

Nos primeiros dias é preferivel dar diariamente um banho de esponja com agua morna fervida e sabão, tendo-se o cuidado de não molhar o cordão, pois, assim evitaremos infecções e mesmo cicatrizações defeituosas do umbigo. Após a queda do cordão, então poderemos dar diariamente um banho completo. A temperatura deve oscillar em 35 graus. Ensabõa-se bem todo o corpo e muito principalmente as dobras (axillas, verilhas, etc.) e depois do banho pulveriza-se todo corpo do bebê com talco borratado.¹¹⁸

O detalhamento das informações faz o texto assemelhar-se a um manual de cuidados, direcionado aos leitores da revista. As instruções que seguem reforçam essa observação. Tratando da habitação, o texto orienta sobre as condições adequadas de moradia: “Geralmente a habitação destinada ao bebê é a mesma que ocupam os paes. Ella deve ser bem arejada e illuminada, ter janellas por onde entre o sol. No verão deve escolher-se de preferencia, a que seja menos castigada pelo calor”.¹¹⁹

¹¹⁷ YGARTUA, Florencio. Higiene do recém-nascido. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 25, abr. 1931.

¹¹⁸ YGARTUA, Florencio. Higiene do recém-nascido. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 26, abr. 1931.

¹¹⁹ YGARTUA, Florencio. Higiene do recém-nascido. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 26, abr. 1931.

No primeiro capítulo desta pesquisa, expomos a preocupação das autoridades com as condições de moradia da população, pois esses problemas estavam intrinsecamente ligados à alta taxa de mortalidade infantil. Margareth Rago (1985) aborda essa questão e retrata a precariedade dos lares onde as crianças viviam, descrevia espaços estreitos, sombrios e insalubres, tornando-as mais vulneráveis à contaminação de doenças e bactérias. O problema afetava majoritariamente a classe trabalhadora, impactando, por consequência, um grande número de crianças. Ao destacar as condições de moradia ideais para os recém-nascidos, o texto da revista também sugeria, de certa forma, as condições de moradia ideais para a população, buscando contribuir para a solução dos problemas de moradia enfrentados no Brasil na época, e assim ajudando a reduzir os índices de mortalidade.

Mais avançada a leitura do artigo, são fornecidas orientações sobre a cama e as roupas dos bebês, com ênfase na importância de mantê-los confortáveis e aquecidos. Além dos aspectos já mencionados, as medidas profiláticas recomendadas para o cuidado dos recém-nascidos aparecem com relevância. O texto destaca, inicialmente, a presença de micróbios por toda a parte e ressalta a vulnerabilidade dos recém-nascidos, cujos organismos são mais frágeis e, por isso, mais suscetíveis a contaminação:

Sendo o organismo do recém-nascido um organismo em formação, onde o desenvolvimento de seus órgãos ainda não atingiram sua completa conformação, deve ele estar rodeado das medidas mais rigotasas de hygiene, afastando todo o perigo de contagio, porque, nesse fragil organismo, uma enfermidade que no adulto é sem gravidade, nelle, póde ser grave e mesmo mortal.¹²⁰

Essa afirmação é complementada com a importância da higiene daqueles que cuidam do recém-nascido. O texto também adverte sobre o risco dos beijos nos bebês e destaca que pessoas resfriadas ou contaminadas por alguma doença devem prezar pela vida da criança mantendo-se afastados. Como última informação, o texto reforça as medidas profiláticas que se deve impor quando há a presença de um tuberculoso na família, como o afastamento do recém-nascido e vacinação.

É, de fato, interessante refletir sobre a importância desse conjunto de informações presentes no artigo, que objetivava disseminar práticas recomendadas

¹²⁰ YGARTUA, Florencio. Hygiene do recém-nascido. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 26, abr. 1931.

por médicos e compartilhar informações adequadas. Durante os anos 1930, o uso dos conhecimentos populares era amplamente difundido, o que implicava, muitas vezes, em uma série de prejuízos para a saúde da população. A medicina enfrentava desafios relacionados à regulamentação de sua prática, e como já discutido no primeiro capítulo, havia um confronto direto entre médicos diplomados e os charlatões das cidades. Por isso, destacamos a importância desses manuais informativos, cujo propósito era educar a população sobre questões de saúde e higiene, divulgando as práticas médicas consideradas eficazes.

Em continuidade ao tema abordado, apresentamos um segundo artigo para a discussão. Publicado na edição nº 7-8, o artigo se intitula *Alimentação da criança no primeiro anno de vida* e sua autoria é do Dr. Carlos Hofmeister¹²¹.

O texto inicia-se com o subtítulo ‘alimentação natural’ e aborda o assunto ao qual o texto se refere: a alimentação de uma criança sadia, filha de mãe sadia e que disponha de leite materno para amamentação. Como advertência, o texto informa que os dados sobre as orientações apresentadas não se aplicam a crianças com alguma predisposição a doenças, recomendando que, nesses casos, os pais procurem especialistas para orientações específicas.

O texto, de forma incisiva, diferencia as crianças com algum tipo de anormalidade das crianças saudáveis. Ele define como criança ‘normal’ os recém-nascidos filhos de pais saudáveis, que tenham nascido sem nenhuma anomalia congênita e que sejam capazes de manter a temperatura corporal estável. Assim, “[...] nos lactantes assim considerados, o leite materno produzirá um desenvolvimento normal, tanto do corpo como da intelligencia”.¹²²

¹²¹ Carlos Niederauer Hofmeister (1890-1976), natural de Santa Maria, Rio Grande do Sul, diplomou-se em medicina pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1916. Logo após, em 1917 fez estágio em Montevideu, Uruguai, no Serviço de Pediatria, com o professor Mórchio. Entre os anos de 1917 e 1923 atuou como médico na sua cidade natal. Após esse período, Carlos Hofmeister se especializou em Pediatria no Rio de Janeiro pelo curso do Professor Fernandes Figueira. A especialização o tornou um dos primeiros médicos gaúchos a exercer a especialidade e a partir de então atuou na Enfermaria de Medicina Pediátrica e no Consultório de Crianças na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Já em 1929, o médico fez parte da turma de médicos brasileiros que passou seis meses na Europa para aperfeiçoamento. Em seu retorno, organizou o primeiro Ambulatório de Pediatria e Puericultura do Estado, na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. De 1931 a 1939 foi diretor do Serviço de Puericultura da Maternidade Mario Totta. Entre outros feitos, auxiliou na fundação da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul em 1936 e publicou inúmeros trabalhos sobre pediatria e puericultura em jornais e revistas de abrangência nacional. HOFMEISTER, Carlos Niederauer. MUHM, 2021. Disponível em: <<https://www.muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/712>> Acesso em: 21, nov. de 2024.

¹²² HOFMEISTER, Carlos. Alimentação da criança no primeiro anno de vida. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 29, jul./ago. 1931.

Nos parágrafos seguintes, o texto oferece orientações sobre os cuidados que mãe e recém-nascido devem seguir após o parto. A primeira orientação é que ambos repousem em leitos separados, por um período de 10 a 24 horas. Durante esse tempo, pode-se oferecer ao recém-nascido alguns goles de água filtrada, desde que sem açúcar, pois, segundo o artigo, o açúcar pode causar cólicas e provocar choros. Após o período de repouso, é essencial colocar o recém-nascido para mamar no seio, incentivando-o a sugar o líquido amarelado, conhecido como colostro. Esse líquido “[...] servirá de optimo purgativo natural, physiologico, substituindo com grande vantagem o classico oleo de ricino ou de olivas, facilmente prescripto pela parentella entedida...”.¹²³

A ‘parentella entendida’ faz referência aos costumes transmitidos de geração em geração e de vizinho para vizinho. Nas décadas passadas, essa prática era comum, e as crenças populares circulavam entre a população e essas ações, de certa forma, enfraqueciam as práticas médicas. No trabalho *“É melhor prevenir do que curar”: a higiene e a saúde nas escolas públicas gaúchas (1893-1928)*, Korndörfer (2007) afirma que os especialistas da época consideravam essas crenças primitivas e ultrapassadas e, por isso, buscavam educar as mães. Eles acreditavam ser necessário fornecer orientações sobre alimentação, doenças e higiene do recém-nascido, sugerindo, ainda, que essa educação poderia ocorrer através da imprensa escrita.

Os dois artigos aqui analisados, abordam os cuidados diretos com a saúde infantil, especificamente dos recém-nascidos. Vele destacar que os demais artigos mencionados no início deste capítulo tratam também da saúde de crianças em outras faixas etárias. No entanto, considerando as discussões do primeiro capítulo, entendemos ser de extrema importância focar na saúde dos recém-nascidos, visto que os dados indicavam um alto índice de mortalidade entre as crianças menores de dois anos.

Essa afirmação se confirma pelos dados do Relatório da Diretoria de Higiene do estado do Rio Grande do Sul apresentados por Korndörfer (2007). Os relatórios trazem os escritos de Euclides de Castro Carvalho, que identificava problemas natais, pré-natais e neonatais como uma das principais causas da mortalidade

¹²³ HOFMEISTER, Carlos. Alimentação da criança no primeiro anno de vida. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 29, jul./ago. 1931.

infantil, indicando que havia um índice elevado de crianças recém-nascidas que vinham a óbito devido a esses fatores.

Os dados extraídos do trabalho de Korndörfer indicam que, em 1927, 33,5% do índice de mortalidade correspondia à crianças com menos de dois anos. Esses números aparecem também, em material relativo à organização da Semana da Criança, de Teresina, em 1931, em que consta a seguinte afirmação: “[...] milhares de crianças morrem entre 0 e 1 ano as mais das vezes pela falta de observância das noções mais elementares de puericultura”.¹²⁴ Biologicamente, os recém-nascidos são dependentes de seus pais, e, por essa razão, os artigos analisados buscavam ensinar a maneira correta dos cuidados infantis, internalizando a adoção de práticas médicos-científicas no lugar de práticas populares. Nesse sentido, a preocupação com a saúde dos recém-nascidos se apresenta em consonância com os artigos encontrados na revista Hygia.

Nos parágrafos acima, analisamos os artigos que abordavam os cuidados com os recém-nascidos e observamos a importância de disseminar essas orientações, pois influenciavam uma parcela significativa das taxas de mortalidade infantil. Já destacamos as discussões médicas em torno da educação materna, e agora apresentaremos um artigo da revista Hygia, dentre outros, que buscava contribuir para a educação das mães.

O artigo está na edição nº 7-8 e intitula-se *O que as mães devem saber* e é de autoria do Professor Dr. Florencio Ygartua. Trata-se, basicamente, de um manual que aborda uma variedade de temas relacionados à criança considerados pelos especialistas da época importantes informações a serem divulgadas. O primeiro aspecto mencionado trata sobre a dentição das crianças e menciona a ideia de que os dentes causam um grande número de perturbações e enfermidades às crianças. O próprio texto corrige essa afirmação e explica que os dentes produzem dor e inquietação, tornando o problema menos grave.

O artigo segue abordando o aleitamento materno e questiona a quantidade expressiva de crianças que morreram por terem sido privadas da amamentação. “[...] as mães dessas pobres criaturas, muitas vezes, devido aos criminosos conselhos de vizinhos e comadres, privaram-nas desse preciosos alimento, alegando que o

¹²⁴ SEMANA DA CRIANÇA, 1931, p. 7. *apud* MARINHO, 2020, p. 91.

encontravam fraco, fazendo mal á criança”.¹²⁵ O texto ainda destaca que, em alguns casos, não é possível alimentar a criança exclusivamente com leite materno, pois a quantidade de leite é isuficiente, sendo necessário recorrer a uma aliementação complementar. Nesse contexto, o artigo adverte que a alimentação natural possui propriedades melhores em comparação aos leites (não-maternos) e as farinhas manipuladas. Nessa passagem do texto, observamos, mais uma vez, uma crítica aos saberes populares, em oposição às ideias defendidas pelos especialistas.

Sobre a alimentação, o texto apresenta informações mais detalhadas acerca da observação rigorosa dos intervalos regulares na alimetação da criança. A falta dessa regularidade pode resultar em desnutrição, o que, por sua vez, pode vir a causar problemas mais graves. Então adverte para o peso, que, quando inferior, pode significar alguma enfermidade ou alimentação insuficiente.

O texto afirma que “a criança alimentada a leite humano, rara vez, adoece gravemente pelo aparelho digestivo. [...] O leite humano não só é o principal alimento no primeiro anno de vida, como elle é insubstituivel”.¹²⁶ Este apontamento ressalta a importância do leite materno e da ampla divulgação dos seus benefícios, para evitar que alimentos recomendados por amigos ou vizinhos, que são apresentados como soluções milagrosas, sejam adotados de maneira imprudente. O texto ainda alerta: “[...] o que foi bom para um pode matar a outro”.¹²⁷ O tema da alimentação se encerra destacando que “a mortalidade infantil tem na alimentação artificial de má qualidade uma de suas grandes causas”.¹²⁸

O fator da alimentação foi trazido no debate historiográfico deste trabalho como um dos fatores que elevavam significamente os índices de mortalidade infantil. Korndörfer (2007) e Rizzini (1993) propõem que a má alimentação estava, muitas vezes, associada à má qualidade dos gêneros alimentícios. A falta de cuidados com a procedência dos alimentos, sobretudo a carne e o leite, eram recorrentes nos relatórios da Diretoria de Higiene do Rio Grande do Sul na Primeira República, como apontado por Korndörfer (2007). Outra questão ligada à má alimentação, especialmente das crianças, estava relacionada a falta de preparo das mães para

¹²⁵ YGARTUA, Florencio. O que as mães devem saber. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 19, jul./ago. 1931.

¹²⁶ YGARTUA, Florencio. O que as mães devem saber. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 19, jul./ago. 1931.

¹²⁷ YGARTUA, Florencio. O que as mães devem saber. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 19, jul./ago. 1931.

¹²⁸ YGARTUA, Florencio. O que as mães devem saber. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 7-8, p. 19, jul./ago. 1931.

cuidarem de seus filhos, com ênfase nas crianças pequenas. Korndörfer (2007) enfatiza que

A mulher aparecia como figura chave na família – era mãe, esposa e provedora – e enquanto responsável pelos cuidados dos filhos – higiene, educação, alimentação, etc. – era vista como uma das responsáveis pela situação preocupante em que se encontrava a infância no início do período republicano brasileiro. Concomitantemente, dava-se a desautorização, por parte dos especialistas, de crenças e práticas adotadas com os recém-nascidos e as crianças, que passaram a ser consideradas primitivas e ultrapassadas.¹²⁹

Esses aspectos conversam com as análises dos artigos da revista *Hygia* anteriormente analisados, que traziam como cerne do problema a educação materna sobre os cuidados dos recém-nascidos e a divulgação de práticas higiênicas indicadas por especialistas.

4.4 O impacto do alcoolismo nos problemas relacionados à infância

As discussões sobre os índices de mortalidade infantil apontam como principais causas para este problema a herança alcoólica, a tuberculose, a sífilis, a alimentação insuficiente e as precárias condições de higiene. Já identificamos alguns desses fatores nos artigos da revista *Hygia*. O alcoolismo, em particular, chamou nossa atenção por ser um tema recorrente nos textos da revista, e decidimos explorar essa questão, analisando três artigos específicos que tratam do alcoolismo.

O primeiro artigo é encontrado na edição nº 9 e se intitula *O filho do alcoolista* e é de autoria do Professor Raul Moreira¹³⁰.

¹²⁹ KORNDÖRFER, 2007, p. 72.

¹³⁰ Raul Moreira da Silva (1891-1969), natural de Porto Alegre, graduou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1916. Especializou-se em Pediatria em Porto Alegre e foi professor interino de Clínica Propedêutica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1923. A partir de 1930, atuou como Catedrático de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e nesse mesmo ano foi representante do Brasil no 2º Congresso Internacional de Pediatria, ocorrido em Estocolmo. Atuou como diretor da Assistência Médica Infantil da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e exerceu o cargo de diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre entre os anos de 1941 e 1944. É patrono da cadeira 7 da Academia Brasileira de Pediatria e publicou diversos estudos relacionados ao tema. SILVA, Raul Moreira da. MUHM, 2021. Disponível em: < <https://muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/1397> >, Acesso em: 21, nov. de 2024.

O alcoolista não é só prejudicial a si mesmo. Terrível espectáculo é a transmissão do mal a pobres criaturas, inocentes do sofrimento que lhes vai ser longo e persistente. E elle traz para o mundo infelizes de células basicamente alteradas na constituição.¹³¹

O texto ilustra a afirmação, usando como exemplo uma mulher casada com um marido alcoólatra, que teve cinco filhos, todos falecidos pouco tempo após o nascimento. Anos mais tarde, ao casar-se com um homem saudável, ela teve dois filhos, ambos nascidos fortes e com boa saúde. Assim, o artigo indica que “donde se vê que o mal produzido pelo álcool, em uma geração começa antes do nascimento, pelos abortos e partos prematuros [...]”.¹³²

O texto também aborda situações em que o consumo de bebidas alcóolicas é recomendado como estimulante da glândula mamária, supostamente contribuindo para a produção de leite materno. No entanto, alerta que “[...] o infante se agita, tem sonhos inquietos, mama com dificuldade, é sujeito a descargas convulsivas, é um psicopata em esboço, visto que está provado que o álcool passa ao leite”.¹³³ Sobre esse tema, o texto apresenta as principais conclusões do trabalho do Dr. Cyro Vieira de Carvalho no primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. Entre as conclusões, destaca-se que, embora o álcool seja considerado um galactagogo (substância que estimula a produção de leite), existem outras substâncias que desempenham a função, porque o uso do álcool pode causar uma série de complicações para a criança. O artigo reitera, de forma expressiva que

“[...] o filho do alcoolista é sujeito, correntemente, eradusado o psychopata de amanhã, a tremores, alterações do humor, a reacções sentimentais anormais. [...] Isto para citar-vos apenas o clamor das psychoneuroses, que o alcoolismo dos paes engendra nos filhos. Mais doloroso ainda é vêr o desfile do quadro impressionante dos anormais affectivos, dos amoraes e dysmoraes, dos pervertidos sexuaes. Corra-se o panno de boca desse theatro de miserias e se nos há de deparar o séquito dos imbecis, dos idiotas mentaes!”.¹³⁴

Doenças físicas e mentais são condicionadas às crianças de pais alcoólatras e, nesse sentido, o texto exemplifica o comportamento de um menino, descendente de pai alcoólatra, e conclui o pensamento enfatizando que

¹³¹ MOREIRA, Raul. O filho do alcoolista. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 24, set. 1931.

¹³² MOREIRA, Raul. O filho do alcoolista. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 24, set. 1931.

¹³³ MOREIRA, Raul. O filho do alcoolista. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 24, set. 1931.

¹³⁴ MOREIRA, Raul. O filho do alcoolista. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 24-25, set. 1931.

são creanças, cujo característico principal psychologico é o defeito moral. São perversões da vida affectiva, pelas quaes aquellas situações, que, no individuo normal, causam sentimento de prazer, nelles provocam sentimentos de desgosto, celebrados assim em legítimos typos anti-sociaes.¹³⁵

Crianças moralmente defeituosas, pervertidos sexuais e deficientes físicos são apontados como resultados do alcoolismo dos pais, refletindo uma outra dimensão da infância, que poderia acabar com os menores infratores, encontrados nas ruas, sem acesso à educação moral ou condições psicológicas adequadas para integrarem a sociedade. Também devemos considerar as crianças que, como mencionado no texto, morrem nos primeiros dias ou anos de vida, contribuindo para o aumento dos índices de mortalidade infantil. Historicamente, em seu trabalho *Discursos médicos, educação e ciência: escolas e escolares sob exame*¹³⁶, Maria Stephanou afirma que “a denúncia dos altos índices de mortalidade infantil associada à ignorância aparece insistentemente neste período. Também são expressivos, enquanto problemas, o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose”.¹³⁷

O próximo artigo a ser analisado está dividido em duas partes. A primeira parte pertence à edição nº 10-11, e a segunda à edição nº 12. Ambos são intitulados *A semana anti-alcoolica* e abordam diversas questões que tangem o problema do alcoolismo. Para essa análise, destacaremos as questões que se relacionam com o tema do nosso trabalho.

A primeira parte do artigo inicia abordando as questões relacionadas ao alcoolismo e à infância, alinhando-se com a discussão do primeiro capítulo, em que destacamos que governo via as crianças como o futuro da nação: “A criança de hoje, que nasce sadia e robusta, criada em meio hygienico, de moral, de carinho, longe do vício e do crime, crescerá e se desenvolverá harmonicamente, assim physica e intelectual [...]”.¹³⁸ Em sequência, o texto aponta que

O alcoolismo, vicio universal, sombra negra da humanidade que sofre e que morre, representa uma pesada, carga que aniquila e exgota a criatura

¹³⁵ MOREIRA, Raul. O filho do alcoolista. *Revista Hygia*. Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 25, set. 1931.

¹³⁶ STEPHANOU, Maria. *Discursos médicos, educação e ciência: escolas e escolares sob exame*. Trabalho, Educação e Saúde, v. 4 n. 1, p. 33-64, 2006.

¹³⁷ STEPHANOU, 2006, p. 35.

¹³⁸ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. *Revista Hygia*. Porto Alegre, v. 4, n. 10-11, p. 26, out./nov. 1931.

humana, conduzindo-a á miseria, ao crime, á degeneração, á loucura, enfim, solapando e destruindo a saúde e a vida de toda uma prole.¹³⁹

O texto prossegue discutindo o alcoolismo no contexto familiar e retratando-o como um mal social, tão mortal quanto as doenças endêmicas, como sífilis e tuberculose. Korndörfer (2007), destaca que “as doenças que apareciam com frequência nos Relatórios da Diretoria de Higiene e que preocupavam o governo eram a varíola, a tuberculose, a febre tifóide, a difteria, a peste, a disenteria, a coqueluche, o sarampo, a escarlatina e a sífilis”.¹⁴⁰ Ela também afirma que a tuberculose era considerada o flagelo do período, e ao analisar o Relatório da Diretoria de Higiene de 1903, destaca a afirmação do Diretor Protasio Alves, onde este relata que a tuberculose cresce progressivamente e de forma pavorosa.

Ainda nessa primeira parte, o artigo discute sobre as crianças anormais e nervosas, frutos de uma herança mórbida transmitida por pais alcoólatras. O texto menciona o ideal da criança saudável, sadia e bela, e contrapõem essa visão ao afirmar que nem todas as crianças tem essa sorte. Enfatiza, ainda, que “[...] muitos paes são responsaveis directos pelo filho que nasce, cégo, surdo, mudo, epileptico, debil, anormal, fragil organismo que se abaterá ao mais leve sopro da enfermidade”.¹⁴¹ O texto informa que por toda a parte é possível encontrar crianças frágeis, com fisionomia triste e atitudes anormais, biologicamente fragilizadas, vítimas do mal do alcoolismo geracional. O texto corrobora, como é possível verificar, com o último artigo analisado ao informar sobre os problemas de saúde que acometem as crianças, causando não apenas danos físicos e psicológicos, mas também o falecimento.

Um exemplo de diagnóstico é citado no texto apresenta uma consulta médica em que uma criança, com pouco mais de um ano de idade, tinha problemas para dormir. Depois da consulta, constatou-se que os pais, acreditando ser apropriado, davam diariamente uma pequena quantidade de vinho tinto. Retirado esse hábito do seu dia a dia, a criança voltou a dormir bem. Essa e outras práticas, como o uso do álcool para aumentar a produção de leite materno, são indicadas no texto e são apontadas como abominadas pelos profissionais. Para ilustrar a inconformidade dos

¹³⁹ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 10-11, p. 26, out./nov. 1931.

¹⁴⁰ KORNDÖRFER, 2007, p. 49.

¹⁴¹ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 10-11, p. 31, out./nov. 1931.

médicos do periódico, destacamos a seguinte passagem: “E’ uma falta de humanidade que corre á conta de muitos desgraçados paes”.¹⁴²

A segunda parte do artigo traz informações sobre a morbidade e a mortalidade infantil, destacando que

indiscutivelmente a mortalidade infantil representa, em nosso meio, o problema medico sociais mais importante a resolver devido a milhares e milhares de innocentes criaturas que temos perdido neste ultimos annos, diminuindo esse formoso capital humano.¹⁴³

Essa passagem reforça a discussão que levantamos no primeiro capítulo desta pesquisa sobre a eminência de ações para reduzir a mortalidade infantil, que assolava o Brasil como um todo. Florencio Ygartua, em seu estudo sobre mortalidade infantil na cidade de Porto Alegre no ano de 1931, relata que vinte mil crianças morreram nos últimos quinze anos antes de completarem dois anos de idade. Além disso, informa que, a cada mil nascimentos, um terço das crianças morre antes de completar dois anos de vida.

O autor destaca as ‘cifras negras’ da mortalidade que pairam sobre a infância, ressaltando a necessidade urgente de investigar as causas que elevam esses índices. Ele afirma que “a maioria dessas causas, que são as principaes, bem as conhecemos, porém, pouco temos realizado no sentido de combatel-as”.¹⁴⁴ Além disso, o texto aponta que não há uma organização central, com suporte médico e recursos adequados, capaz de atuar de forma eficaz na luta contra a mortalidade infantil. Mesmo que houvesse um grupo de profissionais qualificados para realizar essa ‘obra de prophylaxia’, não haveriam recursos materiais suficientes para sua execução. O autor conclui enfatizando a urgência da situação: ‘já é hora de não medir sacrificios de qualquer espécie para realizar tão santa e quão himana campanha’,¹⁴⁵ elevando o problema para além da responsabilidade dos profissionais de saúde, exigindo ação imediata do governo.

O autor destaca o alcoolismo como uma patologia latente na infância e acrescenta os efeitos prejudiciais que o álcool pode causar ao feto, levando a

¹⁴² YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 10-11, p. 31, out./nov. 1931.

¹⁴³ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 9, dez. 1931.

¹⁴⁴ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 10, dez. 1931.

¹⁴⁵ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 10, dez. 1931.

abortos, nascimentos prematuros e debilitando as crianças que vem a nascer. Ele observa que “será um organismo debil que se abaterá ao mais leve sopro, sem reações vitais aos mais energicos estímulos”.¹⁴⁶ Além disso, chama a atenção para outro problema: o convívio dessa criança frágil em uma sociedade também afetada por males como a tuberculose e a sífilis, o que reduz ainda mais suas chances de sobrevivência.

O texto prossegue abordando outro grave problema relacionado às crianças: a infância abandonada e perdida no vício. A abordagem inicial elucida a drástica situação das crianças que se encontram nessas circunstâncias, destacando a vulnerabilidade delas diante da situação:

Entre as principais causas da morte prematura da criança apparecem, o máo alimento, o leite impuro e contaminado, a miseria do meio em que a criança vive, a vivenda anti-hygienica e immunda, quase privada de ar e de luz, a ignorancia, o abandono e a filiação illegitima e os grandes males sociaes – alcoolismo, tuberculose e syphilis.¹⁴⁷

De forma eloquente, o texto volta a clamar por uma intervenção do poder público em defesa da infância. Em outra passagem, o autor afirma que as crianças em tais condições clamam por ajuda e que precisam ser amparadas pelas instituições de assistência e proteção à infância. O texto reforça que não devemos esperar pelo dia em que a criança seja julgada por um júri, mas sim agir preventivamente: “devemos fazer a propylaxia, saneando o meio pervertido, educando com elevados sentimentos esse pequeno ser, que no dia de amanhã lhe serão confiados os elevados destinos da familia e da patria”.¹⁴⁸

Após essa análise, o texto faz referência aos problemas relacionados à criminalidade infantil, destacando que a loucura, resultante da psicose da toxina do álcool, é um dos graves problemas que contribuem para os quadros de perturbações mentais severas. O texto afirma que o álcool é um agente poderoso no favorecimento da criminalidade e apresenta um levantamento de dados sobre a relação entre a criminalidade e o alcoolismo em alguns países.

¹⁴⁶ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 10, dez. 1931.

¹⁴⁷ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 10, dez. 1931.

¹⁴⁸ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 11, dez. 1931.

Considerando alguns países onde se tem estudado a relação que existe entre os crimes e o alcoolismo concluímos: Na Alemanha se lhe atribuem 70 por cento dos crimes; na Inglaterra de 75 a 80 por cento, considerando que no primeiro país 42 por cento dos delitos foram praticados sob a ação do álcool. Em nosso país temos que 70 por cento dos crimes praticados são devidos ao vício da embriaguez.¹⁴⁹

Apresentados esses dados, o autor reflete sobre o quão doloroso é pensar nas crianças descendentes de pais alcoólatras, e menciona, novamente, os problemas de saúde que podem acometê-las. Em seguida, o autor aborda as condições morais a que essas crianças são submetidas, afirmando que “[...] nesse mundo de corrupções crescerá e se desenvolverá com sentimentos inferiores de alma e coração, e no seu cérebro mórbido nunca, florirá a prática do bem”.¹⁵⁰

O autor encerra o tema com a seguinte reflexão:

Repito, sim, é o alcoolismo um dos grandes factores da criminalidade infantil, da vadiagem, da prostituição, enfim, dos grandes males sociais, que criaram maleficas raízes que num clamor constante a humanidade pede para serem destruídas, porque chegou a hora que a obra grandiosa da – Eugenia – quer e exige o engrandecimento da raça, da família e da Patria.¹⁵¹

O clamor por mudanças e soluções para esses problemas reflete a nova ideia de nação. A visão de uma nação trabalhadora, solidificada na família de bons costumes e livre de problemas de saúde, era o ideal promovido pelo Governo Provisório. O conceito do homem brasileiro, como discutimos no primeiro capítulo, alinhava-se ao ideal eugenista da época: uma fusão de raça e cultura que transformaria o cidadão em um ser educado, higiênico, em harmonia ao projeto de um ‘novo Brasil’.

Após essa análise detalhada dos artigos selecionados, constatamos que os problemas relacionados à saúde infantil discutidos na revista *Hygia* dialogam com a discussão historiográfica desenvolvida no primeiro capítulo. As principais preocupações apresentadas pela historiografia e verificadas na revista decorrem do tema da saúde infantil e demonstram grande preocupação com os primeiros anos de vida das crianças, a educação higiênica das mães e o combate às doenças

¹⁴⁹ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 12, dez. 1931.

¹⁵⁰ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 13, dez. 1931.

¹⁵¹ YGARTUA, Florencio. A Semana Anti-Alcoolica. **Revista Hygia**. Porto Alegre, v. 4, n. 12, p. 13, dez. 1931.

geracionais, como o alcoolismo e a tuberculose. Os problemas higiênicos, sociais e morais que afetavam a infância na década de 1930 estavam sendo amplamente discutidos por médicos e especialistas. Através de veículos como a revista Hygia, buscavam educar a população, promovendo a conscientização para uma vida mais saudável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1930 foi marcada por transformações significativas nas políticas públicas de saúde, impulsionadas a partir do governo de Getúlio Vargas. Durante o Governo Provisório, emergiu um forte sentimento de nacionalismo que influenciou a forma como o Brasil e a sociedade brasileira eram pensados. Esse contexto despertou preocupações com o futuro da nação, direcionando atenção especial às crianças, vistas como pilares do desenvolvimento nacional. Na época, a população brasileira enfrentava diversos problemas sanitários, com doenças endêmicas como sífilis e tuberculose, sendo apontadas como reflexos de uma alimentação inadequada, água de má qualidade e condições de moradia insalubres. Além disso, o país lidava com um grave desafio: os alarmantes índices de mortalidade infantil.

Em Porto Alegre, no período, se registravam índices significativos de óbitos infantis, causados por fatores como alimentação inadequada, ausência de cuidados pré-natais e neonatais e a falta de conhecimento das mães sobre práticas de puericultura. Em 1929, Porto Alegre passou por uma significativa Reforma Sanitária, que introduziu novas medidas de saúde pública que tinham como objetivos, entre outros, reduzir a proliferação de doenças e os elevados índices de mortalidade entre adultos e crianças. A reforma centralizou os serviços sanitários, permitindo um maior controle e monitoramento das enfermidades que afetavam a população, além de promover melhorias nas condições gerais de saúde. A reforma, contudo, não alcançou plenamente os objetivos inicialmente previstos, mas evidenciou a preocupação dos governantes com os problemas de saúde pública e a necessidade de ações estruturadas para enfrentá-los.

É nesse contexto que se insere a análise da revista *Hygia*, um periódico de medicina dedicado à educação sanitária, que abordava temas relacionados às doenças e aos cuidados recomendados com base no conhecimento científico da época. A revista circulou no Rio Grande do Sul durante o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930, e seus diretores eram médicos influentes, comprometidos com a difusão de ideias e propostas voltadas à promoção da saúde e da educação sanitária. A revista *Hygia* propunha a discussão de diversos problemas de saúde que acometiam a sociedade do período. Temas como a tuberculose, a sífilis, os problemas relacionados ao alcoolismo e a saúde das crianças eram abordados com frequência em suas publicações. Esses assuntos refletem os problemas sociais e

sanitários da década de 1930 e corroboram com as análises historiográficas sobre o período.

Analizamos 9 exemplares da revista e, no terceiro capítulo, selecionamos alguns artigos para análise detalhada, e destacamos que eles abordam problemas diretamente relacionados aos elevados índices de mortalidade infantil. Os textos fazem referência às preocupações governamentais, aos cuidados essenciais com a saúde dos recém-nascidos, à falta de preparo e conhecimento das mães, além de abordar o alcoolismo como um mal social.

Um aspecto central para a problematização desta pesquisa foi a análise do artigo que relata o discurso de posse do Professor Olyntho de Oliveira como Inspetor de Higiene Infantil, em 1931. Esse discurso levantou questionamentos sobre a atenção dedicada pelos setores governamentais à saúde infantil, evidenciando a relevância atribuída ao tema no contexto da época. A investigação historiográfica revelou uma mudança significativa no pensamento político e social durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas. Embora a preocupação com a higiene da população e o controle da mortalidade infantil já estivesse presente, ainda que de forma incipiente, desde a Primeira República, foi no cenário popular e social promovido pelo governo Vargas que novos conceitos sobre o povo brasileiro começaram a ser introduzidos. Essas mudanças tiveram impacto direto no cuidado com a saúde infantil, com a visão de que essas crianças seriam futuros cidadãos ativos e fundamentais para a construção da sociedade brasileira.

Destacamos a importância da historiografia para analisar os elementos presentes na fonte de pesquisa deste trabalho. Por meio do levantamento historiográfico, foi possível compreender o contexto social e político em que a revista se inseria, além de corroborar os problemas que afetavam a sociedade da época. Foi possível verificar que os problemas relativos à saúde infantil debatidos na revista dialogavam com a realidade social e sanitária do período, conforme apontados por autores utilizados. Além disso, a historiografia evidenciou a importância dos periódicos na década de 1930, mostrando o papel crucial que esses veículos desempenharam na disseminação de informações médicas. Profissionais da saúde e governantes utilizaram esses meios para promover a educação sanitária, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais saudável.

Esta investigação reforça a importância da análise de fontes periódicas como meio de compreender os aspectos sociais, políticos e culturais das sociedades, tanto

no presente quanto no passado. A revista Hygia, recentemente catalogada, ainda carece de informações sobre sua origem e trajetória, o que representou um desafio em alguns momentos do trabalho. Contudo, esperamos que este estudo, assim como os outros dois que também a utilizam como fonte, inspirem futuras pesquisas. Ansiamos que a revista promova investigações em diversas áreas da história da saúde, ampliando o entendimento sobre o contexto em que foi produzida e suas contribuições.

FONTES

MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL - Acervo de Obras Raras

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Jan./Fev., ano 4, n. 1-2, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/451.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Mar., ano 4, n. 3, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/452.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Abr., ano 4, n. 4, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/453.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Mai., ano 4, n. 5, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/454.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Jun., ano 4, n. 6, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/455.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Jul./Ago., ano 4, n. 7-8, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/456.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Set., ano 4, n. 9, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/457.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Out./Nov., ano 4, n. 10-11, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/458.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

Hygia - Revista mensal popular de medicina e educação sanitária, Porto Alegre: Dez., ano 4, n. 12, 1931. Disponível em:
<https://www.muhm.org.br/obrasdigitalizadas/459.pdf> Acesso em: 30 abr. de 2024.

REFERÊNCIAS

Academia Nacional de Medicina, 2024. Disponível em:

<https://www.anm.org.br/olympio-olinto-de-oliveira/> Acesso em: 16 nov. 2024.

Acervo Obras Raras [livro eletrônico]: catálogo/ organização Angela Pomatti ... [et al.]. - Porto Alegre, RS: Associação dos Amigos do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2022. p. 13. Disponível em:

https://www.muham.org.br/pdf/cat_obras_raras.pdf Acesso em 10 out. de 2024.

ALVES, Gabrielle Werenicz. **Centros de saúde e postos de higiene: novas instituições de saúde para novas políticas públicas (Rio Grande do Sul, 1928-1945)**. *História em Revista*, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 312-331, dez. 2020.

ALVES, Gabrielle Werenicz. **Políticas de saúde pública no Rio Grande do Sul: continuidades e transformações na Era Vargas (1928-1945)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CASTRO, Maria Helena Steffens de. **Caminhos cruzados entre a propaganda e a saúde em 1930**. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 8, n. 3, p. 203-211, set./dez. 2006.

FERNANDES, Arminda Nela Martins Lopes; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de; MARQUES, Rita Cássia. **A educação da saúde da mulher-mãe e da criança na revista *Eu Sei Tudo* nas primeiras décadas do século XX (1910-1930)**. p. 1-18, s.d. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/268439185_A_EDUCACAO_DA_SAUDE_DA_MULHERMAE_E_DA_CRIANCA_NA_REVISTA_EU_SEI_TUDO_NAS_PRIMEIRAS_DECADAS_DO_SECULO_XX_1910-1930 Acesso em: 26 out. 2024.

FGV CPDOC, 2009. Disponível em:

<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/renato-rodrigues-barbosa> Acesso em: 15 nov. 2024.

FLORÊNCIO Ygartua Filho (1892-1941). MUHM, 2021. Disponível em:

<https://www.muham.org.br/noticia?name=florencio-ygartua-filho-%281892-1941%29>. Acesso em: 21 nov. de 2024.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **A saúde da criança na política social do primeiro governo Vargas**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 97-116, 1993.

FRANCELINO, Luciene Carla Corrêa. **A imprensa no processo de medicalização da sociedade**. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 141-151, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/32259>. Acesso em: 23 out. 2024.

FRANCO, Álvaro; RAMOS, Senhorinha Maria. **Panteão Médico Riograndense: síntese cultural e histórica, progresso e evolução na medicina no Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: AAMUHM, 2018.

GUIMARÃES, Maria Virginia Souza; VIANNA, Marcelo; POMATTI, Angela Beatriz. **A presença feminina no campo da saúde do Rio Grande do Sul nos anos 1930: o caso da revista médica "Hygia"**. In: *Anais da 11ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa - MOEXP do IFRS Campus Osório* volume I: trabalhos ensino médio / [recurso eletrônico] / organização e editoração Marcelo Vianna. – Osório, RS: IFRS Campus Osório, 2021.

HOCHMAN, Gilberto. **Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)**. *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 127-141, jan./jun. 2005.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego, orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p.

HOFMEISTER, Carlos Niederauer. MUHM, 2021. Disponível em: <https://www.muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/712> Acesso em: 21 nov. de 2024.

HOHLFELDT, Antonio. **A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930**. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, PUCRS, dez. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6685.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

KORNDÖRFER, Ana Paula. **"É melhor prevenir do que curar": A higiene e a saúde nas escolas públicas gaúchas (1893-1928)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 3. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014. p. 110-153.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. Instruir para a prevenção é atuar com cautela: a puericultura no Piauí durante as décadas de 1930 e 1940. (SYN)THESIS, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 85–95, 2021.

MENDES, Maria Isabel B. de Souza; NÓBREGA, Terezinha P. da. **O Brasil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 209-219, jan.-mar. 2008.

MUNARETO, Geandra Denardi. **"O homem, em toda parte, é a riqueza da nação": o discurso eugênico na Sociedade de Medicina de Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930**. *Revista de História* (São Paulo), n. 180, 2021.

MUNARETO, Geandra Denardi. **A ciência como regeneradora da nação: eugenia e autoritarismo no pensamento de Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Renato Kehl e Belisário Penna**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a história e a imprensa: breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 3, p. 125-142, 2011.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez; MEDEIROS, Helber Renato Feydit. **Puericultura e políticas públicas de assistência à maternidade e à infância (1930-1945)**. *Revista Brasileira de História da Saúde*, v. 1, n. 1, p. 2-19, 2010.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.

RIZZINI, Irma. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993. Cap. 2.

ROSA, Bruno Chepp da. **HORRENDO FLAGELO: A tuberculose, o enfermo tubérculos e uma imprensa médica gaúcha**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SANGLARD, Gisele; COSATI, Letícia Conde Moraes. **Fernandes Figueira e a higiene infantil no Rio de Janeiro, 1880-1930**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* | v.31, e2024002, 2024.

SCHARGEL, Sergio. **De autora a personagem: a literatura de e sobre Sylvia Serafim**. *Cadernos Pagu*, n. 71, 2024.

SILVA, Raul Moreira da. MUHM, 2021. Disponível em: <https://muhm.org.br/biografiasmedicas/biografia/1397>, Acesso em: 21 nov. de 2024.

STEPHANOU, Maria. **Discursos médicos, educação e ciência: escolas e escolares sob exame**. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 1, p. 33-64, 2006.

WILKE, Fábio Roberto. **Políticas públicas de saúde para mulheres e crianças no Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)**. Tese (Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.

